

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**LAIS DE AVILA SOARES**

**RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

**São Borja  
2019**

**LAIS DE AVILA SOARES**

**RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título Licenciado em Ciências Humanas.

Orientador: Evandro Ricardo Guindani

Coorientador: Nome do Coorientador

**São Borja  
2019**

**LAIS DE AVILA SOARES**

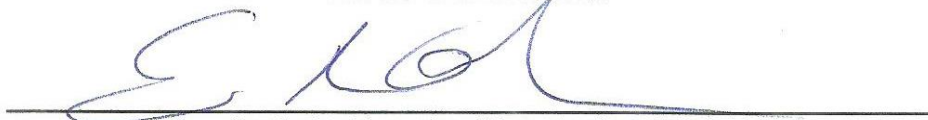
**RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título Licenciado em Ciências Humanas.

Orientador: Evandro Ricardo Guindani

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de julho de 2019.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Evandro Ricardo Guindani  
Orientador  
Unipampa



Prof. Dra. Nola Patrícia Gamalho  
Unipampa



Prof. Jandira Elohá Lopes

Dedico este trabalho a minha família e a todos os praticantes das religiões afro-brasileiras que ficam à margem em todos os setores da sociedade, a vocês, dedico este trabalho na busca de respeito e tolerância.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado forças para conseguir vencer esta longa e difícil caminhada acadêmica. Meus agradecimentos vão para pessoas da minha família que sempre estiveram do meu lado, e também para professores que mesmo sem saber me ajudaram de uma forma que senti acolhida como me sinto com minha família.

Gostaria de agradecer a minha mãe Juliane de Avila, que nunca me deixou desistir e sempre me incentivou que a educação é o melhor caminho de gerar mudanças no mundo. Agradeço ao meu pai de coração Assis Brasil, que com seu exemplo de garra e determinação mostrou que não há idade nem dificuldades para estudar, me incentivando muito a entrar no ensino superior.

Gostaria de agradecer imensamente ao meu companheiro/namorado/amigo Eduardo Rodrigues, que enfrentou todos os problemas ao meu lado e nunca me deixou desistir e me ajudou a acreditar mais em mim. Sem esse apoio seria impossível conseguir chegar onde cheguei.

Agradeço também a todos os meus amigos dentro e fora da universidade que me apoiaram e sempre me incentivaram. E em especial agradeço aos melhores amigos que fiz dentro da Universidade, Rejane Rodrigues, Márcia Rodrigues e Maico Acosta. Meus mais sinceros agradecimentos pelo companheirismo e carinho.

Agradeço de coração a minha amiga/irmã Vanessa Balefo, que ao longo de todo curso estive ao meu lado me ajudando, me incentivando e me dando muita força. Nunca vou esquecer cada momento de aprendizagem que tivemos juntas. Obrigada por fazer parte dessa jornada tão difícil e recompensadora.

Aos meus mestres, os quais considero como família, agradeço primeiramente ao meu orientador Evandro Guindani, que aceitou o desafio ao meu lado e juntos construímos esse trabalho de extrema relevância. Sem o incentivo, apoio, orientação eu não conseguiria, por isso meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço também a professora Yáscara Koga, que ousou a dizer que foi uma mãe para mim dentro da Universidade. Quando mais precisei a palavra e o abraço de apoio veio dela, e eu passei a admirá-la muito mais. O oportunidade de dizer que ela me fez continuar firme nesta caminhada é agora, por isso meus mais sinceros agradecimentos a essa mulher e professora, de uma humanidade, que me fez seguir em frente.

Agradeço também a professora Lauren Nunes, que me fez acreditar mais em mim durante a jornada acadêmica e propôs muitos desafios que só contribuíram para minha formação.

Agradeço imensamente a professora Nola Gamalho, pela oportunidade de ter tido a disciplina na faculdade que foi uma das geradoras desse trabalho. Além de ministrar aulas instigantes e maravilhosos, que me induziram a buscar mais sobre o assunto, em momentos de dificuldade as palavras de apoio e acolhimento foram essenciais para chegar onde cheguei. Meus mais sinceros agradecimentos pelo carinho e atenção.

Aos meus familiares e aos meus mestres aqui citados, eu agradeço profundamente e apresento o trabalho que com a ajuda de todos vocês é a parte conclusiva desta jornada acadêmica.

“O mais alto nível de educação, é a tolerância”.

Platão

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a percepção da existência de uma cultura intolerante e preconceituosa com as religiões afro-brasileiras. Sabendo da grande importância que as religiões possuem para os diferentes povos e para as variadas culturas, este trabalho traz a análise do fenômeno da diversidade religiosa existente no Brasil. Esse fenômeno depois de analisado dentro das escolas brasileiras e nos currículos, apresenta uma série de dificuldades, pois sabe-se que há esta diversidade religiosa, mas esta fica à margem, e muitas vezes somente o culto a uma religião específica é feito, direta ou indiretamente, dentro das escolas brasileiras. Partindo dessa realidade, e valendo-se da laicidade do país, o estudo das religiões afro-brasileiras passam a ser o foco do trabalho, já que nota-se a sua inexistência nas discussões. Gerando muitos discursos equivocados, pela falta de conhecimento sobre estas. Dessa forma, para poder identificar a percepção em relação as religiões afro dentro das escolas, foram realizadas uma entrevista e um questionário, com professores e alunos, respectivamente, de uma escola da cidade de São Borja. Através da pesquisa, fica muito evidente a presença da cultura intolerante em relação às religiões afro, assim como a falta de trabalho, nas aulas sobre estas religiões, e também a ausência desta temática nos currículos da escola, o que justifica em parte tantos preconceitos. Este trabalho apresenta a realidade em que se encontram as religiões afro-brasileiras no contexto escolar e lança a futuras pesquisas novas problemáticas para estudo.

**Palavras-Chave:** Diversidade Religiosa. Educação. Religiões afro-brasileiras



## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la percepción de la existencia de una cultura intolerante y prejuiciada con las religiones afro-brasileñas. Conociendo la gran importancia que tienen las religiones para los diferentes pueblos y las diferentes culturas, este trabajo trae el análisis del fenómeno de la diversidad religiosa existente en Brasil. Este fenómeno, una vez analizado dentro de las escuelas brasileñas y en los planes de estudio, presenta una serie de dificultades, ya que se sabe que existe esta diversidad religiosa, pero esto es por el margen y, a menudo, solo se realiza el culto de una religión específica, directa o indirectamente, dentro de las escuelas brasileñas. Sobre la base de esta realidad, y aprovechando los laicos del país, el estudio de las religiones afro-brasileñas se convierte en el foco del trabajo, ya que se puede observar su ausencia en las discusiones. Generando muchos discursos engañosos, falta de conocimiento sobre ellos. Así, para identificar la percepción de las religiones afro en las escuelas, se realizó una entrevista y un cuestionario, con profesores y alumnos, respectivamente, de una escuela en la ciudad de São Borja. A través de la investigación, es muy evidente la presencia de la cultura intolerante en relación con las religiones afro, así como la falta de trabajo en las clases sobre estas religiones, así como la ausencia de este tema en los planes de estudio de la escuela, lo que justifica en parte tantos prejuicios. Este artículo presenta la realidad en la que se encuentran las religiones afro-brasileñas en el contexto escolar y lanza una nueva investigación para nuevos problemas de estudio.

Palabras clave: Diversidad religiosa. Educacion. Religiones afro-brasileñas

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As religiões do Brasil em 2010 .....	24
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS

p. – página

v. – volume

## **LISTA DE SIGLAS**

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da educação

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP - Projeto Político Pedagógico

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 BRASIL PELA VISÃO DA DIVERSIDADE RELIGIOSA .....</b>	<b>16</b>
2.1 Histórico das religiões .....	16
2.2 As religiões no brasil.....	21
2.3 A história das religiões afro-brasileiras.....	25
2.4 Candomblé: uma herança africana.....	27
2.5 Umbanda: uma religião para todos.....	32
<b>3 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA .....</b>	<b>37</b>
3.1 Considerações sobre a história da educação no brasil .....	37
3.2 A escola e o respeito ao diferente ... ..	39
3.3 A escola e a diversidade religiosa ... ..	41
3.4 A Escola e a educação para a tolerância: as religiões afro nesse contexto.....	44
3.5 O currículo e a diversidade ... ..	49
<b>4 Caminhos metodológicos da pesquisa.....</b>	<b>53</b>
<b>5 AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DENTRO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO BORJA: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS.....</b>	<b>55</b>
5.1 Análise dos resultados: a escola.....	55
5.2 Perfil religioso dos alunos .....	58
5.3 Significado das religiões afro... ..	60
5.4 Estudo das religiões afro dentro das escolas ... ..	61
<b>6 AS RELIGIÕES AFRO-BRASIELIRAS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES .....</b>	<b>63</b>
6.1 Trabalho das religiões afro dentro da sala de aula ... ..	63
6.2 Intolerância em relação as religiões afro dentro da sala de aula .....	66
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho realizou uma análise sobre as religiões afro-brasileiras no contexto escolar. A temática deste trabalho é resultante das observações feitas durante os Estágios Supervisionados do Curso de Ciências Humanas, onde passou-se a questionar se existe o trabalho sobre as religiões-afro nas escolas, e qual a visão dos alunos em relação a estas.

Durante o período de observações, informalmente foram perceptíveis presenciar falas preconceituosas e intolerantes em relação a estas religiões. Se faz necessário dessa forma compreender se estas falas advém de uma cultura internalizada, de preconceitos, ou se há falta de informação sobre estas religiões.

O problema de pesquisa, surge então a fim de investigar e compreender, se há o trabalho das religiões afro brasileiras dentro da sala de aula e como se dá a visão dos alunos sobre estas religiões.

Este trabalho teve como objetivo identificar se são trabalhadas as religiões afro-brasileiras, em uma escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de São Borja. E além deste, o trabalho ainda buscou

- Analisar o histórico das religiões
- Compreender a história das religiões afro-brasileiras e suas diferenças
- Perceber a diversidade religiosa no Brasil
- Relacionar diversidade religiosa, escola e currículo
- Compreender o papel da escola na educação para tolerância com as religiões afros.
- Analisar a percepção dos alunos acerca das religiões afros.

A religião esteve presente, na maioria, das civilizações do mundo, e foram criadas a partir de uma crença em comum de um determinado povo. Não se nega que além de seu caráter de crença e fé, esta esteve muito atrelada a história do mundo, e atualmente fatos históricos se explicam com a relação pelas religiões.

O Brasil, não é diferente e sua história possui muitas relações com as religiões. Este país é atualmente um dos países que possui a maior diversidade religiosa, dentro de seu território, e discutir e harmonizar a convivência entre todas as religiões é uma questão de suma relevância, visando a paz, o respeito e a tolerância.

As religiões afro brasileiras foram por muito tempo subjugadas e marginalizadas, sendo proibida suas práticas em vários períodos históricos do Brasil. Essa marginalização gerou uma gama de preconceitos que até hoje são muito proferidos e praticados.

Sendo assim, tratar sobre intolerância religiosa e respeito, é um assunto que pode ser discutido dentro da escola, por ser esta a formadora do cidadão que irá conviver em sociedade futuramente. A escola se torna o ambiente ideal para trabalhar temas, como as religiões afro-brasileiras, a fim de lutar contra o racismo, que também ocorre pela religião.

O conhecimento auxilia que o respeito seja praticado, já que são proporcionadas visões que até então não tinham sido analisadas por aqueles que antes julgavam sem conhecer. O trabalho das religiões afro dentro nas escolas pode ser fundamental para a luta contra a intolerância e preconceito contra estas.

Desta forma a metodologia deste Trabalho de Conclusão de Curso pautou-se na aplicação de um questionário com os alunos de uma escola municipal da cidade de São Borja, assim como na realização de uma entrevista semi-estruturada com as professoras da Disciplina de História e Ensino Religioso da escola. Ambos os métodos auxiliaram na percepção se há o trabalho sobre as religiões afro nas aulas, e também em perceber qual é a visão dos alunos em relação a estas religiões, identificando a existência da intolerância e preconceitos com estas religiões.

Por fim, este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três capítulos que tratam: o primeiro capítulo irá abordar o histórico das religiões pelo mundo, frisando os fatos históricos que se relacionaram intrinsecamente com a religião. Ainda neste capítulo será apresentado o Brasil e suas religiões e o histórico das religiões afro-brasileiras, assim como definição e diferenciação entre as religiões afro-brasileiras, Umbanda e Candomblé.

O segundo capítulo abordará a questão da escola e a diversidade religiosa, trazendo a história da educação brasileira e elencando com a religião. Ainda será apresentada a relação entre a escola e a educação para tolerância com as religiões afro-brasileiras. E por fim será feita a relação do currículo com a diversidade religiosa.

No terceiro e quarto capítulo, respectivamente, é apresentada a metodologia utilizada no trabalho e após, será apresentada os resultados adquiridos pela pesquisa, e por fim será feita a finalização do presente trabalho.



## 2 BRASIL PELA VISÃO DA DIVERSIDADE RELIGIOSA

### 2.1 Histórico das religiões

A religião existe a milhares de anos, desde que os primeiros seres humanos foram datados no planeta. Para Silveira (2008, p. 1) “As religiões, portanto, fazem parte da cultura humana, presentes em todos os povos, em todas as épocas históricas. Nesse sentido, todas tem algo em comum: a busca de uma relação com o mundo metafísico.” A religião é uma forma de manifestação de uma determinada cultura, que acompanha suas características e o formato de cada civilização.

Desde o surgimento do homem que a religião foi considerada uma preocupação. As pessoas não tinham explicações coerentes para os acontecimentos, à ciência não proliferava, se tinha um conhecimento ambíguo. Com tudo isso a sociedade passa a ser instigado pelas superstições, misticismo, crenças, ou seja, a resposta para as explicações que não se tinha como explicá-la naturalmente, para ampara, como confortar em suas necessidades. (CORRENT, 2016, p. 2)

Inicialmente, nos períodos mais remotos da história segundo Silveira (2010) a religião possuía relação com a metafísica para explicar e relacionar fenômenos que não eram compreensíveis à capacidade humana de determinado período, como durante a pré-história, ou na Grécia Antiga, onde não existiam conhecimentos científicos para explicar fenômenos naturais, por exemplo. Ou até mesmo para poder compreender como era possível a existência dos seres habitantes do mundo, nestes períodos.

Em termos históricos, há informações de que existem manifestações religiosas que antecedem ao nascimento de Cristo, e que ainda são praticadas pelo mundo, e até mesmo no Brasil. Sobre estas religiões, podemos citar o Budismo, que é uma religião com um número significativo de adeptos, sendo uma das religiões mais tradicionais do mundo, com 2500 anos de existência. (DINIZ, 2010, p. 90).

O Budismo possui uma visão universal, e seus preceitos foram muito bem difundidos, expandindo-se pelo mundo todo, sendo praticada até os dias atuais, com total respeito aos ensinamentos de Buda. O destaque dessa religião, é sem dúvida, é o número de membros praticantes de uma religião tão antiga, e com preceitos tão tradicionais como o Budismo, como demonstra Diniz (2010),

Estimativas dão conta que o número de budistas no mundo esteja entre 230 e 500 milhões, sendo que a maioria delas aponta números que oscilam em torno de 350 milhões (Adherents, 2006). Isso torna o Budismo uma das mais

expressivas religiões do mundo em termos de seguidores, congregando nada menos do que 6% da população mundial, ficando atrás apenas do Cristianismo (32%), Islamismo (19%), Hinduísmo (13%), de um numeroso grupo de indivíduos que se diz sem religião (12%), e da religião tradicional chinesa (6%) (Religious Tolerance, 2006). (DINIZ, 2010, p. 91)

É perceptível, nos dados acima perceber a existência de outra grande religião. O Islamismo é uma das religiões que está dentre as mais praticadas no mundo, e podem-se perceber no Brasil, muitos membros desta religião. Em várias partes do país é possível perceber grandes concentrações destes povos originários dos países do Oriente Médio, que hoje vivem no Brasil e em vários lugares do mundo e que levam suas crenças juntos com eles e as praticam fielmente.

O Islamismo é uma religião muito antiga e bastante tradicional. Um fato extremamente importante, é que a religião islâmica se desenvolveu simultaneamente com o Império árabe, fazendo com que muitos povos que habitavam a mesma região, mas não possuíam as mesmas crenças e visões, pudessem se unir dentro de um império totalmente islâmico, seguindo os preceitos desta religião. (COGGIOLA, 2007)

O Islamismo apesar de ser uma religião e cultura existente no Brasil, poucos sabem um fator de extrema relevância envolvendo a vinda dos primeiros povos da África para o Brasil. Os escravos advindos da África Ocidental, vivenciaram grandes guerras religiosas, onde o Islamismo (religião) foi implantado e esta região da África passou a ser praticante desta religião. (MATTOS, 2011).

A influência do islã na África começou no século VII com a invasão pelos povos árabes do norte do continente. A resistência foi pouca e a região passou a ser governada por califas, que introduziram a religião islâmica nas terras conquistadas, juntamente com práticas culturais árabes. O islamismo é, até hoje, a religião dominante nesta área, existindo, porém, um amálgama com práticas animistas e fetichistas ancestrais em diversas tribos. (RIBEIRO, 2012, p. 109)

Ao perceber esta realidade, pode haver um estranhamento para aqueles que associam o Islamismo somente a ideia moderna, quando se reflete sobre esta. Na verdade o estranhamento se dá principalmente por perceber que os africanos vindos da África Ocidental eram também muçulmanos, alguns praticantes da religião islâmica. Estes eram chamados de malês, nome que faz referência a palavra muçulmano, na cultura ioruba. (MATTOS, 2011). Sobre os malês, Mattos (2011, p. 156),

Os malês utilizavam como símbolos de sua religião os amuletos, patuás ou bolsas de mandingas. Esses amuletos eram muito comuns na África Ocidental e considerados verdadeiros talismãs [...].

Os malês tinham também como símbolo o abadá- uma espécie de camisola grande de cor branca [...] além de barretes (chapéus), turbantes e anéis de ferro. Organizavam-se em torno de um mestre e reuniam-se em casas de oração e estudo do Alcorão, que, na verdade, eram as residências dos participantes. Aí faziam preces, copiavam orações, aprendiam a ler e escrever em árabe.

Esta relação dificilmente é feita quando se fala na história dos escravos africanos, mas se pode perceber que esta é uma das formas em que a religião Islâmica adentra o Brasil.

Estes prisioneiros tinham em comum, além da pele negra, a crença islâmica, apesar de algumas diferenças nas práticas e dogmas. Em solo brasileiro, porém, o destino trágico compartilhado não tardou por unir os antes inimigos em uma forte identidade comum. ((RIBEIRO, 2012, p. 109)

As religiões foram tomando muitas formas e com o passar dos anos foi se modificando, assim como novas religiões foram surgindo, dentro dos mais variados contextos históricos do mundo. Como afirmam Kadlubitski e Junqueira (2010, p. 131)

Ao longo da História da Humanidade, infelizmente, a convivência dos seres humanos, com alteridade, nem sempre foi pacífica. Historicamente muitos conflitos e guerras violentas foram e ainda são travados em nome de uma determinada crença religiosa ou de outra. (KADLUBITSKI; JUNQUEIRA, 2010, p. 131)

O que se pode destacar é que os principais fatos históricos do mundo e as religiões, ambos estão atrelados, gerando mudanças que marcaram a história. Um dos fenômenos da história, relacionado à religião, é o advento do cristianismo que apresenta toda a conjuntura desta, que passa a ser uma forte religião dos cristãos. O Cristianismo é a religião que surge após o nascimento, morte e ressurreição daquele que foi considerado o messias, o filho de Deus, o salvador: Jesus Cristo (ARRUDA, 1991 apud. CASTOLDI 2014).

Para entender o cristianismo vale ressaltar que este compreende as crenças cristãs que surgem após as ideias pregadas por Jesus Cristo, e também após sua morte e ressurreição onde foram propagadas pelos seus apóstolos.

Sendo assim Collins e Price (1999, p. 8) sustentam que, “Desde a vida, morte e ressurreição de Cristo, o cristianismo se tornou uma das mais destacadas fés do mundo. [...]”. Mas para tornar-se tão forte e destacada a história do Cristianismo demonstra que foi através de muitas lutas e resistências que esta se manteve. Jesus viveu e propagou suas ideias em meio a Palestina que era uma região de

predominância do judaísmo, o que ocasionou muitas perseguições. (CASTOLDI, 2014)

Durante a vida de Jesus este foi perseguido assim como todos aqueles que acreditavam nas palavras deste messias. Muitos imperadores buscaram por Jesus para acabar com a propagação de suas ideias. Ideias de uma religião visando amor e paz, e com um olhar para todos. Após a morte e ressurreição de Jesus, seus apóstolos continuaram a propagar a fé cristã, surgindo as primeiras Igrejas cristãs, que não eram bem vistas e muitas vezes eram perseguidas, por existir nesse período o predomínio do judaísmo.

Segundo Castoldi (2014, p. 23) “O discurso de paz não seria suficiente, à medida em que o evangelho espalhava-se diante das outras crenças, aumentava o ódio, especialmente por parte dos adeptos do judaísmo.”

Mesmo com a perseguição o cristianismo resiste e logo espalha-se por diversas regiões como destaca Castoldi (2014, p. 22-23)

[...] o alcance da Igreja Cristã se estenderia a todo império antes mesmo de se tornar a religião oficial, e no final do século I já estaria disseminada ao redor de todo mediterrâneo e na Ásia Mneor, sendo encontrado em todas as províncias romanas. [...]

A história do cristianismo passa por muitos fatos históricos e são essenciais para entender outro fato que marca a história das religiões. Este fato é a instituição da Igreja Católica pelo Império Romano.

A partir da instituição do cristianismo pela Igreja Católica, se tem um período marcado pela plena hegemonia desta que através de guerras detém o poder em muitos os aspectos, e expandindo esse poder pelo mundo, o que tornou a Igreja Católica uma forte instituição, que esteve presente também na política, o que certamente influenciaram muitas das várias decisões, comprovando que a história Ocidental está muito atrelada ao poder conquistado pela Igreja Católica.

Sobre este poder conquistado pela Igreja Católica, pode ser destacada que as perseguições e opressões sofridas anteriormente como as principais causas do fomento em busca do poder. Segundo Castoldi (2014, p. 30-31),

[...] Os períodos de violência aos cristãos, entretanto, não são relevantes apenas ao tocante a eles próprios, uma vez que ajudaram a construir a fé que posteriormente se fundiria ao Império, mas mais que isso, essa opressão é por muitos autores considerada um combustível para o fortalecimento e a expansão [...]

Com esse poder conquistado pela Igreja Católica, esta perpassou vários outros períodos e fatos foram concretizados para que se mantivesse esse poder como absoluto através do tempo. Neste sentido, se tem as Cruzadas e a Inquisição, ambas são realizadas a partir dos ideias e objetivos da Igreja Católica.

Com as Cruzadas, por meio da violência nas guerras, disseminaram por vários territórios os dogmas da Igreja, impondo através das guerras travadas, com os mais variados povos, que a religião absoluta seria o Catolicismo.

Com a inquisição, predominante no período medieval, temos a caça e punição aos considerados hereges e as bruxas, que iam contra os dogmas católicos ou praticavam outras crenças, não consideradas de Deus. A inquisição foi um período tortuoso e muito radical contra aqueles que discordavam de qualquer ideal da Igreja Católica, as condenações feitas para quem praticava esse crime, considerado na época, era a morte, ou por enforcamento ou queimado em uma fogueira, além de outros meios, sendo citados aqui os mais conhecidos.

Eis que surge nesse contexto, a figura de um padre, que inconformado com as regras e dogmas tão radicais da Igreja, propôs mudanças que ficaram conhecidas como as 95 teses. Este padre que propôs a reforma da Igreja Católica, foi Martinho Lutero.

Com Martinho Lutero questionamentos passam a ser feitos sobre os dogmas e as regras impostas pela Igreja. O principal descontentamento de Lutero foi a relação às indulgências, que eram a garantia de salvação divina para quem pudesse pagar altas quantias, e ainda segundo o autor abaixo,

Martinho Lutero tem na crítica às indulgências o ponto mais lembrado quando se fala nas razões que o levaram a se insurgir contra a Igreja. Nessa questão das indulgências – apenas um dos tantos pontos propostos por ele –, é importante compreender o que está por trás dessa crítica. Segundo o teólogo Walter Altmann, Lutero queria destacar a noção de gratuidade da salvação, acessível a todos. (SANTOS, 2017, p. 8)

A Reforma Protestante, como afirmam Alves e Lemos (2013), ocorre em um período onde a Igreja Católica possuía o poder político, econômico e social. Tanto poder que acabou por afastar muitos fiéis que não sentiam-se mais parte da Igreja católica, os autores ainda destacam,

Iniciava-se o século XVI e a Igreja Católica estava distanciada da essência cristã de irmandade, de seus fundamentos inerentes à entidade religiosa que rogava para si a responsabilidade da condução das almas dos homens ao contato com o divino para eterna redenção. Seu amontoado de dogmas e doutrinas que por vezes conflitavam entre si, em suas fundamentações; sua

estrutura eclesiástica corrompida pela insaciável sede por riqueza e poder; a profanação das liturgias e do culto com elementos estranhos à igreja primitiva, além da distância imposta aos fiéis por suas regras, dentre as quais, a exigência do latim como língua oficial para reza das missas; além de uma forma arbitrária, mística e inconsistente de se interpretar os diversos acontecimentos da vida humana, dos fenômenos naturais, fez com que se levantasse por toda parte os clamores por uma reforma geral. (ALVES; LEMOS, 2013, p. 141-142)

Martinho Lutero evidencia-se nesse período pela tentativa de reformar a Igreja e quando se vê perseguido e expulso desta religião, cria sua própria religião, o Luteranismo, que passa a ter adeptos que concordam com suas ideologias e crenças. Lutero não propõe a Igreja Católica inicialmente, criar uma nova religião, mas sim uma Reforma nas suas regras e dogmas, o que não foi possível pois a Igreja Católica, neste período, não se vê disposta a mudanças.

Lutero então cria sua religião, dentro de tudo aquilo que propôs em sua reforma, e a criação desta religião, com um olhar atual, viria a ser o início de muitas ramificações de variadas religiões que foram se criando e ganhando espaço nesse novo contexto. Fato esse que pode ser destacado como um dos passos para existir mais tarde, a garantia da liberdade religiosa, principalmente no Brasil.

## **2.2 As religiões no Brasil e a diversidade religiosa no país**

No Brasil, o catolicismo foi a religião oficial por décadas. A herança deixada pelos colonizadores perdurou mesmo após a Proclamação da República em 1890, onde o Brasil foi declarado Laico, significando a separação do poder político e da Igreja e garantindo que não houvesse mais uma religião oficial.

O Brasil não possuía apenas o Catolicismo como religião praticante, as crenças e práticas religiosas dos nativos, que já habitavam o Brasil, misturavam-se com os escravos africanos que possuíam suas crenças também e à margem do catolicismo estes praticavam seus cultos e adorações aos seus deuses e orixás<sup>1</sup>. Segundo Moreira e Silva (2013) antes da liberdade religiosa ser garantida, toda e qualquer outra manifestação religiosa que não fosse Católica era condenada e proibida, por não ser considerada de Deus, e por este motivo por muito tempo, estas religiões foram reprimidas.

---

<sup>1</sup> Deuses africanos com relação às forças da natureza.

Mesmo com o país sendo declarado Laico desde 1890, a hegemonia Católica foi muito persistente e as religiões diferentes a esta, continuaram a serem perseguidas e condenadas. Somente com a Constituição Federal de 1988 é que há mais garantias em prol da liberdade religiosa, já que o Brasil estava sendo palco de novas religiões, como as pentecostais, as protestantes, o espiritismo e demais religiões que vão ganhando força e exigindo garantias reais e práticas de um país Laico. Segundo a Constituição Federal de 1988, se tem,

**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

**VI** - e inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Como citado anteriormente, mesmo com a laicidade do país, o catolicismo por muitos anos manteve seu poder influente nas mais variadas camadas da sociedade. Com a Constituição Federal de 1988, fica mais clara a ideia de liberdade religiosa, o que dá abertura para várias religiões começarem a professar suas crenças livremente, e a partir desta data pode-se perceber o caminho para um país de diversidade religiosa que se tem atualmente. Este caminho para a liberdade religiosa não ocorre automaticamente mas são os primeiros passos para este processo.

A palavra diversidade possui vários significados, dentre eles: variedade, diferente, etc. Esta palavra aparece com muita frequência nos dias de hoje, em muitas discussões em variados segmentos da sociedade. Pode-se associar a palavra diversidade, a raça, etnia, gênero e também religião (CORRENT, 2016).

Quando dito diversidade religiosa, logo, pensa-se nas várias religiões existentes no Brasil, que sim é um país que mundialmente é conhecido pela sua diversidade cultural e também religiosa..

Dessa forma, o Brasil é formado por um emaranhado complexo de significados e sentidos que se entrecruzam, por meio de costumes, usos e as mais diversas práticas criadas pelos homens que vivem nesse país, entre esses: os povos originários (indígenas), além dos povos imigrantes, que vieram de diversos continentes, principalmente dos povos europeus e africanos, estes últimos trazidos para o Brasil para serem escravos. Esses grupos étnicos trouxeram contribuições lingüísticas, tradições alimentares e culturais, valores, arte, ritos religiosos, música, danças, vestimentas, etc., cooperando, assim, com a formação da cultura brasileira. Definindo o nosso país, como único e especial, pela sua diversidade cultural. (KADLUBITSKI; JUNQUEIRA, 2010, p. 129)

Anteriormente, se fez uma retomada da religião no Brasil e que com a garantia da liberdade religiosa, e ênfase do estado Laico, não houve apenas o surgimento de novas religiões, pode-se afirmar que a prática de muitas religiões já existentes passaram a ser mais frequentes por estar assegurada pela Constituição Federal, o que é perceptível, atualmente, através das muitas manifestações religiosas e lutas políticas que se presencia no dia-a-dia, assim como muitos eventos voltados a variadas religiões são praticados livremente, como, por exemplo, a procissão anual de Iemanjá<sup>2</sup> que ocorrem em todo país e são abertas ao público e ocorrem livremente nas ruas do Brasil.

A diversidade religiosa no Brasil pode ser percebida através de algumas manifestações e também de discussões sobre a questão da religião. Hoje nos mais diversos lugares presencia-se discussões (sádias) sobre essa temática, assim como todos convivem, em grande maioria das vezes, em harmonia e respeitando as religiões, mas não se pode excluir a realidade de muitos fatos violentos considerados intolerantes a determinadas religiões que ocorrem no Brasil ainda.

Além de poder perceber as várias Igrejas que estão surgindo pelo Brasil, as manifestações nas mídias de comunicação e também no dia-a-dia, como dentro das escolas, bairros e demais locais públicos, é perceptível, as variadas religiões que os indivíduos praticam.

O IBGE realizou o último CENSO em 2010 e uma das pesquisas foi voltada para as religiões praticadas no Brasil, analisando as mais praticadas, as menos praticadas, as que perderam números de fiéis e as que receberam mais fiéis.

O foco nestes dados é a diversidade de religiões citadas e a existência do quesito “outras religiosidades” significando que há outras religiões não citadas nominalmente. Abaixo é possível perceber a diversidade religiosa existente no Brasil através do CENSO 2010:

---

<sup>2</sup> Divindade africana das religiões afro-brasileiras principalmente o Candomblé e a Umbanda



Tabela 1:

<b>Religião</b>	<b>Pessoas</b>	<b>%</b>
Católica Apostólica Romana	123.280.172	64,63
Evangélicas	42.275.440	22,16
Sem religião	15.335.510	8,04
Espírita	3.848.876	2,02
Outras religiosidades cristãs	1.461.495	0,77
Testemunhas de Jeová	1.393.208	0,73
Não determinada e múltiplo pertencimento	643.598	0,34
Umbanda e Candomblé	588.797	0,31
Católica Apostólica Brasileira	560.781	0,29
Budismo	243.966	0,13
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226.509	0,12
Não sabe	196.099	0,10
Novas religiões orientais	155.951	0,08
Católica Ortodoxa	131.571	0,07
Judaísmo	107.329	0,06
Tradições esotéricas	74.013	0,04
Tradições indígenas	63.082	0,03
Espiritualista	61.739	0,03
Sem declaração	45.839	0,02
Islamismo	35.167	0,02
Outras religiosidades	11.306	0,01
Hinduísmo	5.675	0,00

Fonte: Confins, René Somain. As religiões no Brasil em 2010.

A tabela acima é clara, demonstrando haver mais de 10 religiões sendo praticadas dentro do Brasil. Isso revela o quão grande é o grau de diversidade religiosa existente em um país que por muitos anos manteve-se sob a ordem de praticar apenas uma religião, sem levar em consideração as crenças daqueles que viviam neste lugar e também dos que foram chegando ao país para viver aqui.

A diversidade religiosa é consequência da existência do cumprimento do que assegura a Constituição Federal ao declarar o país laico e com liberdade de crenças e práticas religiosas, pois é fato que existem várias religiões e Igrejas cultuando suas crenças por todo o país. Essa diversidade não significa a plena aceitação e o fim da intolerância, mas destaca que a luta pela prática de crenças é diária e está cada vez mais forte.

Como temática se tem as religiões afro-brasileiras e são elas que serão o foco deste trabalho sendo necessário compreender seu histórico, sempre relacionado a diversidade religiosa como um advento para livre manifestação destas e as demais religiões. Sendo assim este trabalho irá se deter nas religiões afro por serem o foco desta pesquisa.

### 2.3 História das religiões afro-brasileiras

Para entender a história das religiões afro-brasileiras é necessário voltar-se ao passado e verificar fatos desde sua colonização. O Brasil foi um dos países encontrados pelos europeus no séc. XV. Na visão europeia o Brasil foi descoberto e explorado e logo deveria ser preparado para ser colonizado.

Na região onde hoje é o Brasil, os europeus se depararam com muitos habitantes nestas terras, produzindo alimento, caçando, cultuando sua religião e vivendo de acordo com sua cultura. E mesmo com toda organização destes povos, os europeus desconsideraram tudo, afirmando não ser correto esse modo de vida e nem válida as religiões que naquelas terras eram praticadas. Como traz este autor abaixo:

Por certo, a constatação gradativa das riquezas ambientais presentes em território brasileiro, aliada à promessa da existência de muito ouro e prata, determinou a nossa colonização justamente quando as viagens de exploração marítima foram substituídas pelas expedições terrestres, com objetivo de invadir e dominar os espaços considerados privilegiados em recursos naturais. Nesse sentido, nossos rios serviram de caminho para as expedições que, por sua vez, contribuíram para com a escravização dos índios, bem como para a fundação de vilas e cidades. (SOUSA, 2008, p.2)

Ao perceber a quantidade de riquezas que poderiam ser exploradas nesta região os europeus passaram a retirar tudo que se tinha de mais valioso, fazendo com que estes que já habitavam esta região trabalhassem forçadamente para enriquecer os europeus. Do mesmo modo que se tornaram escravos para trabalhos pesados, os nativos da América tornaram-se também escravos da religião imposta pelos europeus, dessa forma, pode-se afirmar que:

Os interesses dos distintos segmentos da exploração colonial eram incompatíveis com a autonomia das aldeias originais. Havia os colonos moradores, carentes de mão-de-obra para transformar suas lavouras em empresas rentáveis, por isso, interessados em ter direito ao trabalho dos índios por meio de um sistema escravista ou de administração particular. Já os jesuítas interessavam-se pela catequese da população indígena, através de aldeias missionárias relativamente isoladas da população portuguesa. Para a Coroa, os índios representavam importante força militar, além de fornecedores de alimentos (Freire & Malheiros, *ibid.*, p. 39). (SUCHANEK, 2012, p. 242)

Com o passar do tempo, a mão de obra necessária na colônia Brasil, foi ficando escassa, pela dizimação dos nativos, e foi tido como saída para esse problema dos colonizadores, a comercialização de escravos trazidos da África, não somente para auxiliar a coroa nas construções, mas a nova sociedade formada dentro da colônia poderia ter escravos para trabalhos domésticos, de campo e produção.

Os escravos africanos tinham idades variadas e eram comercializados dentro da colônia como objetos, onde eram avaliados pela aparência e força, para que valessem mais, pois poderiam viver mais e logo, trabalhar mais. Estes escravos, a grande maioria vinha para o Brasil sem identificação, apenas com a roupa do corpo e com as lembranças da vida que tinham em suas cidades onde nasceram. Quando trazidos para o Brasil deixavam suas famílias e suas casas e só restava sobreviver em meio ao desconhecido (LIMA, 2010, p. 8-9)

Nesta situação se têm, indivíduos de outros países, com uma diferente cultura e com suas próprias religiões. O lugar para onde este foi inserido, se torna proibido manifestar tudo aquilo que é comum de sua cultura sendo permitidas manifestações, por exemplo, religiosas, somente sendo em relação a religião deste lugar completamente desconhecido, que neste período era a religião Católica.

Com esta realidade, mesmo sendo a vontade dos colonizadores que tudo fosse esquecido pelos escravos, dificilmente isso ocorria. Sabe-se que condenar e proibir a cultura e religião, aquilo que o indivíduo torna-se desde que nasceu, não ocorre tão facilmente. Dessa forma, se pode afirmar, que as religiões trazidas para o Brasil com os escravos foi adaptada as circunstâncias em que viviam. As suas religiões foram praticadas à sombra do Catolicismo, onde em seu particular, em meio a uma manifestação da Igreja, os escravos estavam na verdade cultuando suas divindades, as quais acreditavam, ocorrendo assim o sincretismo religioso.

Como afirma Jensen (2001, p. 2), “Os escravos africanos eram proibidos de praticar suas várias religiões nativas. A Igreja Católica Romana deu ordens para que os escravos fossem batizados e eles deveriam participar da missa e dos sacramentos.” As manifestações religiosas antes praticadas por eles passaram a ser proibidas, pois não eram religiões consideradas “de Deus” e civilizadas.

Apesar da instituição escravagista ter quebrado as famílias e espalhado grupos étnicos através do país, os escravos conseguiram manter alguns laços com sua herança étnica. Isso aconteceu devido ao fato, entre outros, dos portugueses usarem a política de dividir para governar, separando os escravos em diferentes nações. O termo nações se refere ao local geográfico de um grupo étnico e sua tradição cultural (por exemplo, os que falavam Yorubá da Nigéria eram os Nagô, Ketu, Ijejá, Egba etc.) A consequência inesperada dessa divisão foi que o conceito de nação desempenhou um papel importante para a manutenção de várias identidades étnicas africanas e para a transmissão cultural e as tradições religiosas. (JENSEN, 2001, p. 1)

Nos dias de hoje, quando se fala de religiões afro-brasileiras e religiões de matriz africana, está se falando das religiões que vieram com os africanos, mas não somente isso. Segundo Lima,

A medida que o africano se integrou à vida do brasileiro tornou-se afro brasileiro e mais que isso, tornou-se um brasileiro. O termo afro-brasileiro é usado para indicar produtos das mestiçagens de ascendentes portugueses e africanos. (LIMA, 2010, p. 17)

Dessa forma, as religiões receberam adaptações, pois, já não se encontravam mais no contexto de estarem na cultura própria africana. Estas foram adaptadas entre a África e o Brasil, recebendo elementos destas duas culturas e gerando as religiões que são conhecidas atualmente.

Ao tratar sobre a questão da religião, mais especificamente das religiões afro, é preciso saber que ao se referir apenas sobre o Candomblé e a Umbanda, é necessário entender que não há somente estas religiões afro no Brasil, mas o foco desta pesquisa será sobre estas duas religiões.

#### **2.4 Candomblé: uma herança dos africanos**

O candomblé no Brasil tem seus registros iniciais principalmente na Bahia. Os primeiros terreiros com as manifestações desta religião buscavam se aproximar mais da cultura africana, e o contato direto entre a Bahia e os países africanos, dos quais vinham os escravos, permitia que se mantivesse mais viva a africanização desta religião, dentro do Brasil (JENSEN, 2001). Ou seja, o Candomblé possui fundamentos diretos da África.

Mas, como esta religião sempre foi condenada dentro do Brasil, houve muitas perseguições com os praticantes desta e com toda e qualquer manifestação ao Candomblé. Como destaca Jansen (2001, p.3),

As religiões afro-brasileiras eram proibidas, e os terreiros eram freqüentemente visitados pela polícia. Por isso seus praticantes deviam sempre buscar caminhos para fortalecer a aparência católica dos Orixás e dos terreiros. O sincretismo se tornou assim estratégia de sobrevivência.

O sincretismo citado pelo autor significou uma característica que atualmente é apontada quando realizada pesquisas sobre as religiões de matriz africana no Brasil. Pelo medo de perseguições e condenações, os praticantes, principalmente do Candomblé, mascararam seus cultos através da aparência católica, o que acabou por

agregar algumas características da religião católica a esta religião de matriz africana, realizando assim o chamado sincretismo. (JANSEN, 2001)

Sincretismo que pode ser exemplificado pelas regras rígidas ditadas pelo Candomblé em relação aos chamados pais e mães de santos, que assim como os padres da Igreja Católica não podem agir ou praticar certas ações por determinação da religião, por assumirem um importante papel de líder religioso. (SOARES, 2002)

Mas para entender o que é Candomblé, em sua totalidade, é necessário pesquisar muito, em diversas bibliografias, o que é esta religião afro-brasileira, e para os autores abaixo:

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades - inquices, orixás ou voduns -, seres que são a força e o poder da natureza, sendo seus criadores e também seus administradores. Religião possuidora de muitos simbolismos e representações que ajudam a compreender o passado e também a discernir melhor as verdades e as mentiras, permitindo assim definir conceitos. No candomblé nada se inventa ou se cria, só se aprende e se aprimora. Este saber e este conhecimento são conquistados com a prática, no dia-a-dia, com o tempo, a humildade, o merecimento, a inteligência e, principalmente, com a vontade de aprender! (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009, p. 29)

O candomblé é denominado uma religião afro-brasileira justamente pelos fatores citados acima pelos autores, que é ter sido criado no Brasil, e possuir sua base sustentada pela cultura africana trazida pelos africanos escravizados no Brasil.

A história das religiões afro-brasileiras está atrelada à escravidão, pois, foi através deste trágico evento que houve a miscigenação de culturas originando religiões como o Candomblé. Dessa forma, os autores afirmam que:

Na África não se conhece o culto chamado candomblé, pois esta designação é somente brasileira; lá o que existe é o culto às divindades, individualizado por regiões, cidades e até mesmo famílias. Naquele continente a religião dos orixás, voduns ou inquices, em muitas cidades, faz parte integrante e importante da vida social das pessoas. No Brasil, os negros que para cá foram trazidos, sentindo a necessidade e procurando salvaguardar suas tradições, recriaram um ritual bem próximo ao que realizavam na terra-mãe. E, com certeza, conseguiram, pois o candomblé pouco perdeu suas características fundamentais e tradicionais! (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009, p. 31)

O candomblé tem essa denominação principalmente na Bahia, mas seu nome pode se diferenciar em determinadas regiões do Brasil. No Rio Grande do Sul, por exemplo, denomina-se de Batuque, no Maranhão é conhecido como Tambor de Mina e em Pernambuco como Xangô. (PRANDI, 2001)

Estas denominações estão atreladas a um fator regional. Com a escravidão estabelecida no Brasil, o comércio de escravos africanos foi muito comum durante este momento. O que ocorreu, era que os escravos trazidos para o Brasil eram de diferentes nações da África. Além de haver muitas diferenças, como a língua, certos aspectos culturais eram diferentes também. O Candomblé, quando começa a ser praticado no Brasil, possui em suas denominações, o nome do local aonde os escravos vieram, pois a cultura destes povos foi o que influenciou na formação dos candomblés do Brasil como traz o autor neste trecho,

Deste modo, o candomblé, além de ser uma forma de expressão religiosa, servia igualmente para marcar espaços das diferentes “nações” africanas. Por isso, até hoje existem diferentes “nações” do candomblé, com base na diferenciação feita entre as influências recebidas das diversas tradições africanas. (MATTOS, 2011, p. 162)

Muitas diferenciações podem ser notadas entre regiões, mas esta religião vem se disseminando e conquistando muitos adeptos, por isso, sua denominação mais comum entre os praticantes, é conhecida como religião dos orixás. (MARCUSSE, 2010). Os orixás são à base desta religião, e segundo Góis (2013) são de origem do panteão africano. O autor ainda destaca que:

Os Orixás estão presentes e atuam na vida de cada adepto em particular e na comunidade religiosa como um todo. Essa presença e atuação verificam-se tanto nas festividades em honra a eles, quanto nas obrigações ritualísticas de confirmação de seus devotos na iniciação, comumente conhecida como “fazer o santo”. [...]

O culto aos Orixás é uma designação do Deus Supremo Olorum. Ao decidir criar o mundo, Olorum encarregou a Oxalá, seu filho primogênito, a tarefa de executá-la, providenciando para o mesmo o que era necessário. Este, no entanto, fracassa na tarefa, a qual é repassada para Odudua, conforme descreve o mito descrito por Pierre Verger. (VERGER, 2000, apud. GÓIS, 2013, p. 323-324).

Esta religião que possui seus orixás e muitos rituais e significações específicas devem ser analisadas em totalidade para poder ser realmente compreendida, e não haver confusões ou predefinições equivocadas em cima desta.

Ao buscar aprofundamento para melhor compreender esta religião, o nome de um sociólogo surge para auxiliar na análise sobre o candomblé, Roger Bastide. Em uma de suas obras “O Candomblé da Bahia” (2001), traz de forma muito específica, toda descrição desta religião que fascina o leitor. É possível perceber toda a estrutura do candomblé, como sendo a resistência da cultura africana para estar presente na vida de seus descendentes e não somente deles, como destaca Bastide (2001, p. 25),

“[...] A religião do candomblé, embora africana, não é religião só de negros. Penetram no culto não somente mulatos, mas também brancos e até estrangeiros. [...]”

Durante todo o primeiro capítulo da obra de Bastide, é possível ter conhecimento da organização ritualística desta religião, assim como durante a leitura muitos pré-conceitos concebidos pela falta de conhecimento, são desmistificados, com os relatos do autor.

Quando se fala desmistificar com a obra de Bastide, é possível retirar o caráter enganador, pressuposto em relação ao Candomblé, e repensar alguns pré-conceitos estabelecidos pelo senso comum, de julgar tudo aquilo que não se conhece, basta compreender realmente como ocorre cada etapa dos rituais do candomblé, por exemplo. Góis (2013) faz um apanhado de como é esta religião e durante a leitura é possível perceber o quão injusto e sem veracidade do fato real são os discursos de ódio proferidos aos praticantes desta religião.

O candomblé pode muitas vezes ser condenado, por possuir alguns rituais, que aos olhos de leigos, em relação a esta religião, não sabem como realmente funciona esta. Uma das grandes práticas, pela qual o candomblé é julgado, é pela questão dos sacrifícios, práticas comuns dentro dos rituais desta religião. Assim como as oferendas, muito criticadas e condenadas.

Sobre estas duas práticas, Bastide traz o significado delas, o que para os praticantes do Candomblé é a parte de um ritual, para determinado Deus. Todo sacrifício, é feito para ser oferecido a um deus, e o sacrifício, sempre é de um animal, que irá variar de acordo com o deus ao qual o sacrifício é oferecido como oferenda. Determinadas partes do animal são oferecidas ao Deus, e o restante do animal é servido para os participantes do ritual. (BASTIDE, 2001)

O sacrifício e a oferenda, quando analisados, nada mais são do que práticas comuns realizadas pela sociedade há muito tempo. A ideia do sacrifício de um animal, para ser oferecido a um deus, e depois compartilhado como alimento, remete a prática comum de todos os seres que se alimentam de carnes animais no dia-a-dia, mas não se importam, pois, seu contato com a prática, do sacrifício do animal, não é direta. Quando praticado dentro de uma religião, que vem a ser de matriz africana, assume um caráter maligno, na visão de muitas pessoas que contribuem para perpetuar uma ideia equivocada e preconceituosa desta religião.

Como traz Góis (2013, p. 322) “As agressões verbais relatadas pelos líderes religiosos dos terreiros de Candomblé [...] associam estas pessoas e a sua religião ao

demônio, [...]”. Além de ser constituída a intolerância em práticas como esta, não há nenhuma tentativa de buscar entender e compreender esta religião, gerando mais preconceitos.

Estas práticas e rituais ocorrem, na maioria das vezes, dentro dos terreiros, que são o espaço sagrado dos praticantes de Candomblé. Estes são os locais sagrados de manifestação dos orixás. Segundo Góis (2013):

O Terreiro de Candomblé compreende toda a área ou terreno em que está localizado o Barracão ou salão de festas, as casas ou quartos de Santo, a cozinha, a camarinha e as áreas ao ar livre em que estão assentados os Caboclos, Exus e os Santos que ficam no tempo, ou seja, na natureza. Todos os Terreiros de Candomblé apresentam essa estrutura, diferenciando-se apenas no tamanho e disposição desses espaços, conforme as condições financeiras do Zelador (a) e o tamanho do Terreno. [...]” (GÓIS, 2013, p. 329-330)

Os terreiros, além de serem os locais sagrados para os rituais de culto aos orixás, também são os locais onde ocorrem outros tipos de manifestações desta religião, como as danças que fazem parte da composição ritualística do candomblé. Bastide (2001) demonstra a função das danças e dos cânticos nos rituais desta religião:

[...] juntamente com os ritmos sonoros dos tambores que os acompanham, outros tantos *leitmotiv*, destinados a atrair os orixás. Os cânticos, todavia, não são apenas cantados, são também “dançados”, pois constituem a evocação de certos episódios da história dos deuses, são fragmentados de mitos, e o mito deve ser representado, ao mesmo tempo que falado para adquirir todo o poder evocador. O gesto juntando-se à palavra, a força da imitação mimética auxiliando o encantamento da palavra, os orixás não tardam a montar em seus cavalos à medida que vão sendo chamados. Pode acontecer, porém, que a cerimônia prossiga durante muito tempo sem que haja possessões. [...]. (BASTIDE, 2001, p. 36)

Ao atentar-se para a parte final da expressão do autor, onde ele traz a palavra “possessão”, entende-se o porquê de muitas pessoas associarem o candomblé ao lado ruim de tudo. A palavra possessão na maioria das religiões, como a Católica e a Evangélica, usam o termo possessão para falar quando o satanás e espíritos ruins estão possuindo o corpo de uma pessoa. Como é possível perceber:

[...] apesar de os textos chamados sinóticos afirmarem a vitória de Jesus sobre Satanás; essa ideia não teria conseguido atingir as crenças populares na qual o demônio continuava atuante no dia-a-dia das pessoas, tentando fazer com que as mesmas fossem seduzidas e desviadas do caminho de Deus por legiões de demônios. Assim, o fenômeno da possessão pode ser visto e entendido como uma prova da influência do “diabo” sobre o corpo humano. [...]. (RABUSQUE, 2010, apud PAIVA, 2015, p. 69)



Já no candomblé a possessão é algo que faz parte de alguns rituais praticados por eles. Mas, não na visão dos evangélicos ou católicos. A possessão no candomblé faz parte do chamado que o filho ou filha de santo faz ao seu orixá. (BASTIDE, 2001). Dessa forma, a relação dos praticantes do candomblé com os seus deuses ocorre por esta manifestação, que é muito julgada pela percepção intolerante.

O candomblé possui ainda como uma de suas características marcantes, os rituais de iniciação. Nestes ritos é possível perceber o quão forte é a crença destes praticantes em relação a sua religião. Segundo o Candomblé, todas as pessoas têm seu espírito dedicado a um orixá, e através dos rituais de iniciação é que o orixá se manifesta e este passa a ser integrante, por completo, do Candomblé. (MARCUSI, 2010). Quando não ocorre o processo de possessão dos orixás com estes indivíduos, outras funções são dadas a estes, como a função da equede<sup>3</sup>, que auxilia nos tambores e também nos detalhes cruciais, no momento da possessão.

O que é possível perceber em relação a esta religião é que há muita informação inverídica, propagando ideias preconceituosas que são aceitas pelas pessoas. O Candomblé possui muita força e vem ganhando muitos adeptos com o passar dos anos, fato esse que é possível perceber nos dados do último Censo.

Mas, o candomblé não está sozinho na mira de casos de intolerância pelas suas raízes africanas. Há outra religião, que vem crescendo muito, com praticantes no Brasil e possui um histórico de luta e resistência da cultura afro, assim como o Candomblé, esta é a Umbanda, considerada a religião para todos

## **2.5 Umbanda: uma religião para todos**

Ao estudar à Umbanda constata-se que esta se difere do Candomblé em muitos sentidos. Ao realizar o estudo aprofundado sobre estas duas religiões, percebe-se o quanto é usado o senso comum que acaba por tornar as duas religiões, como únicas, não sendo correto fazer isto, pois são muitas as diferenças, que através da busca de informações proporciona esta separação entre ambas as religiões.

A Umbanda, historicamente, é considerada uma religião nova, pois surge em meados de 1902, ou seja, muito recentemente. Esta religião tem como principal

---

<sup>3</sup> Figura feminina escolhida pelo orixá para auxiliar em rituais e cerimônias de forma zelosa e atenta.

característica o sincretismo com várias outras religiões como o próprio candomblé, catolicismo e principalmente o espiritismo.

[...] Assim, deu-se o sincretismo entre a Umbanda e o Candomblé, uma religião de matriz africana, o Catolicismo e o Espiritismo, como se pode notar pela presença de elementos dessas religiões em sua essência.

Essa religião é a fusão de religiões já presentes no país com uma marcante matriz africana, apesar de não haver nenhuma similaridade as com religiões praticadas na África. Em sua face atual, a Umbanda sincretiza elementos de diferentes matrizes religiosas: africanas, do Espiritismo (Kardecista), de cultos indígenas (por exemplo: a Pajelança) e Catolicismo. (SALES, 2017, p. 5)

Esta religião, a Umbanda, surge da manifestação de espíritos, considerados de baixo nível, por serem, por exemplo, de escravos negros, no período do Brasil colônia, ou qualquer outro indivíduo que durante sua vida viveu subjugado pela sua condição social ou racial. Como traz Rohde (2009, p. 83) sobre como eram considerados estes espíritos e daí o motivo de surgir uma religião para estes,

Descontentes com o espiritismo kardecista devido a uma divergência no que diz respeito à qualificação moral, cultural e evolutiva mais baixa atribuída aos espíritos de negros e índios que baixavam nas mesas kardecistas desde o século XIX, os quais eram tratados como entidades carentes de luz que deveriam ser no máximo doutrinadas e dispensadas, [...]

Para Sales (2017, p.6) “A Umbanda não lida propriamente com os orixás mas com a incorporação em seus médiuns de espíritos desencarnados, tais como: o caboclo, o preto-velho, a criança, o baiano, o boiadeiro, o espírito da água, o Exu.”

Nas casas espíritas do século XX, não havia espaço para a manifestação destes espíritos que não faziam parte da elite branca, de qualquer período vivido, e quanto a isso foi necessário uma manifestação espiritual, pela luta em prol de uma religião que se pudesse manifestar qualquer entidade:

A partir de uma contundente declaração do “Caboclo” através de Zélio de Moraes, iniciava um novo culto em que os Espíritos dos ancestrais africanos, ex-escravos, como também os indígenas brasileiros e mestiços, abarcando a todas as almas afins que estivessem aptas a trabalharem em prol dos irmãos encarnados, de pluralidades diversas, sejam de caráter étnicos, religiosos e socioculturais, onde a “Manifestação do Espírito para a Caridade”, através de um direcionamento de amor fraterno, seria a principal característica deste culto, embasada no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e considerando como Mestre Supremo, o Cristo Planetário.

É mister salientar, que de acordo com este novo culto, ir-se-ia trazer uma nova proposta regeneradora com relação aos chamados remanescentes das “seitas negras”, que estavam sendo considerados uma deturpação, pois estariam ligadas aos chamados rituais de feitiçaria, encomendas de trabalhos de magia negra, (macumbarias), no senso comum, onde na maior parte dos casos, usavam determinados mecanismos magísticos negativos, no intuito de prejudicarem algum incauto. (JURUÁ, 2017, p.22)

A Umbanda vem com a ideia de acolher todos, principalmente em relação aos espíritos que antes não podiam de manifestar, e tem como princípio a caridade. Sua base é em cima dos orixás o que remete sempre a uma ligação com a África, mas ressaltando sempre, que a Umbanda é uma religião brasileira, que se apropria de alguns fundamentos da cultura africana no fator religioso e demais religiões, como o espiritismo e catolicismo. O próprio fundador da Umbanda, Zélio de Moraes, incorporou um caboclo, o preto velho, que foi fato marcante para o surgimento da Umbanda.

Percebendo as diferenciações entre a Umbanda e o Candomblé, a Umbanda é uma religião mais ligada ao espiritismo, e tem essa característica marcante em seus rituais e encontros. Como destaca Ortiz (1978, apud BARBOSA; BAIRRÃO, 2008, p.225) “A religião umbandista fundamenta-se no culto dos espíritos e é pela manifestação destes, no corpo do adepto, que ela funciona e fazem viver suas entidades”.

Apesar de haverem algumas semelhanças entre estas religiões, o essencial das práticas, e do que se cultua que continua a ser a principal diferenciação entre as duas religiões. Outra diferença entre estas religiões está em sua organização e funções nos seus rituais. O candomblé cultua seus orixás e estes que guiam os praticantes desta religião. Já na umbanda, a manifestação espiritual ocorre como a principal forma de comunicação entre o terreno e o místico, e quanto a sua organização se tem:

Quanto à afiliação religiosa, os cultos umbandísticos são denominados giras, enquanto que o sacerdote ou sacerdotisa, pai ou mãe de santo. Os iniciados são conhecidos como médiuns e incorporam os espíritos dos ancestrais (eguns); ao contrário do candomblé no qual o rito de possessão significa a manifestação da divindade ou orixá no corpo de seu filho. No candomblé, os espíritos dos mortos ou eguns não possuem o corpo do fiel, eles manifestam-se na sua roupa. (MAGNANI, 1986; LOPES et al, 1987 apud CRUZ, 1994, p. 131)

Sobre a organização e o funcionando desta religião, a Umbanda, muitas das características de como iria funcionar surgiram através de Zélio de Moraes que incorporou o Caboclo Preto Velho, mas não apenas foi através deste Caboclo que a Umbanda foi se formando. Através da incorporação em Preto Velho chamado Pai Antonio muitas outras guias e costumes foram sendo incorporados para a constituição da Umbanda. (SALES, 2017)

A Umbanda comparada ao Candomblé se difere em muitos aspectos, e dentre eles pode ser destacado a questão do sacrifício e a da utilização de muitos objetos segundo Sales (2017, p. 11)

Além da caridade e das vestimentas brancas, alguns outros detalhes deviam ser respeitados, como a questão do sacrifício de animais, nunca permitido. Também não são utilizados atabaques ou quaisquer outros objetos ou adereços que não sejam as guias das entidades. A preparação dos médiuns é feita através dos banhos (ervas) e o ritual do amaci, a lavagem de cabeça onde os filhos de Umbanda fazem a ligação com a vibração dos seus guias. Foram definidas ainda 7 linhas para a formação da Umbanda, que são as linhas de: Oxalá, Iemanjá, Ogum, Iansã, Xangô, Oxossi e Exu. E enquanto Zélio estava vivo, foram fundadas mais de 10 mil tendas de Umbanda.

Mas ao longo tempo muitas mudanças, foram ocorrendo o uso dos atabaques<sup>4</sup>, por exemplo, foi inserido nos rituais dessa religião. Já sobre o local onde os rituais ocorrem, os Umbandistas nomeiam de inúmeras formas, e percebe-se entre suas nomeações o sincretismo em relação às religiões das quais esta se apropria de alguns aspectos. Como denominações dos locais se têm: Terreiros, tendas ou até mesmo centros espíritas, ficando clara a forte ligação entre a Umbanda e as demais religiões. (SALES, 2017)

Mais uma característica em relação a esta religião, que comprova seu intenso sincretismo com as demais religiões e principalmente o Candomblé, acontece segundo Sales (2017, p. 12):

[...] No Candomblé os pais de santo são chamados de Babalorixá (Babalaô) e as mães de santo são as Iyalorixá (Iya), que são pessoas que tiveram a iniciação no Candomblé e passaram pelos preceitos da religião. Na Umbanda os pais da casa são chamados de pai de santo, pai de terreiro, cacique, sacerdote ou dirigente. Porém, há terreiros de Umbanda em que os dirigentes vieram do Candomblé e mantiveram seu título, sendo chamados de Babalorixá/Iyalorixá. Este é um sinal de sincretismo entre o Candomblé e a Umbanda e que se perpetua, visto que os filhos são acostumados com as terminologias que vem com o pai ou mãe da casa.

Dessa forma, percebe-se que mesmo havendo o sincretismo entre a Umbanda e principalmente o Candomblé, esta religião é bem diferente do Candomblé em si. Esta possui muitas características espíritas, pois o seu culto ocorre através de manifestações espíritas nos pais e mães de santo de cada terreiro ou centros espíritas. A umbanda também se difere por ser brasileira, e possuir traços africanos apenas quando sincretizada com o Candomblé. A umbanda através do tempo

---

<sup>4</sup> Instrumento musical de percussão afro-brasileiro

conseguiu muitos praticantes e tornou-se com o passar do tempo uma religião com um grande crescimento em adeptos.

Ao buscar diferenciar o Candomblé e a Umbanda, o destaque é para a extrema ligação do Candomblé com os princípios africanos e a Umbanda sustenta-se como uma construção brasileira, sincretizada com alguns traços de outras religiões. (SALLES, 2017)

Brevemente, o histórico das religiões afro-brasileiras foi feito, no intuito de perceber a história destas e também de fazer a diferenciação entre as duas religiões que são focos dessa pesquisa, a Umbanda e o Candomblé. Ambas são distintas, mas dentro de suas manifestações possuem muitas características africanas, que não devem ser mascaradas.

### 3 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA

#### 3.1 Considerações sobre a história da educação no Brasil

A escola e o sistema educacional, desde o tempo do Império no Brasil, nunca foram vistos como prioridades, a fim de receberem investimentos para a qualificação. O que era proporcionado nas escolas desse período era mais voltado ao ensino superior e tinha muitas carências, e claro, o acesso era restrito à elite, como afirma Alvez (2009, p. 42) “Os cursos superiores criados desde o primeiro reinado até os primeiros anos do segundo, continuam poucos e isolados, e, com preocupações estritamente profissionalizantes. Mas, de modo geral, só atendiam e formavam a elite brasileira.”

Uma educação para elite, nota-se não somente no período do Império, ela perpassa por vários anos e chega da mesma forma até o fim do Império, onde mesmo mudando totalmente a conjuntura política, não percebe-se mudanças efetivas na área da educação. O que se tem mesmo com a instituição da República no Brasil, é a mesma situação, como afirma o autor:

[...] mas o tempo passa e nada muda, somente uns poucos têm acesso aos bens e serviços e usufruem de todos os privilégios, enquanto os pobres, maioria da população fica à margem de tudo, inclusive do processo de educação. (ALVES, 2009, p. 51)

Durante a Segunda República, a pressão vinda por parte dos educadores do país, levou o então presidente deste período, a se preocupar em dar uma atenção maior ao projeto educacional para todos:

[...] Vargas, o então presidente, embora tivesse se mantido um tanto imparcial no que tange às questões educacionais, simpatizou com os ideais educacionais do “Manifesto”. Entendeu as propostas como complementares à sua política governamental, pois era favorável à criação de escolas técnico-profissionalizantes. Desta forma, a escola se tornaria um instrumento atenuante das questões sociais. (RIBEIRO, 1994, GHARALDELLI, 1994) (apud. FUSINATO; KRAEMER, 2013 p. 21018)

A questão pautada acima pelos autores, sobre o interesse do governo na educação profissionalizante, foi um dos fatores que mais influenciou os governantes a investirem na área educação, pois, estavam formando profissionais para movimentar o setor econômico do país, ou seja, a educação era vista como meta para formar futuros profissionais para trabalhar e manter o mercado econômico ativo.

Um olhar mais atento à educação é dado durante o período da redemocratização, onde é garantida a democratização das escolas, assim como são elaboradas leis e diretrizes para melhor embasar o sistema educacional do país. (FUSINATO. KRAEMER, 2013)

Com a ditadura instaurada, a partir de 1964, o caráter profissionalizante, para gerar mão-de-obra qualificada, para abastecer a rede econômica do país, passa a ser objetivo do governo, que novamente apresenta, a educação superior como acessível apenas às camadas superiores, sendo do alcance das camadas mais baixas, somente o ensino básico, que possuía o intuito de profissionalizar para logo, trabalhar. O salto para uma educação sólida e acessível surge, segundo os autores Fusinato e Kraemer (2013):

[...] com a redemocratização do país, após a Ditadura Militar que assolou o país de 1964 a 1984. Neste período, também educadores, junto com os políticos, entram seriamente no debate para constituir uma nova perspectiva para a Educação Escolar. Desta forma, a luta pela escola foi tomando aspectos de um projeto de lei que renovasse a educação. Assim, após oito anos de tramitação, em dezembro de 1996, foi aprovada a Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. As principais mudanças foram: critérios mais flexíveis na avaliação do aproveitamento escolar; instrumentos para combater a repetência e a defasagem escolar; aumento da carga horária, de 667, para 800 horas-aula anuais; descentralização e maior autonomia pedagógica; determinação para a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN); organização do sistema de ensino em educação básica – composta pela educação infantil, ensino fundamental (8 anos) e ensino médio (9 anos) – e em ensino superior. (FUSINATO; KRAEMER, 2013 p. 12-13)

A partir da aprovação da Lei nº 9.394/96, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a educação molda-se mais uma vez e vai se aprimorando, e adequando às mudanças que ao longo do tempo foram surgindo. Estes fatos descritos acima demonstram o histórico das escolas, da educação, e conseqüentemente apresentam como se dá a cultura escolar.

A escola passou por constantes mudanças, ao longo dos anos, nos diferentes períodos, levando em consideração aspectos políticos, econômicos e sociais. Mas ressaltasse que em meio a todas estas formulações da escola ao longo do tempo, não se pode excluir questões, como por exemplo, as escolas destinadas à elite, ou a precarização desta ao longo do tempo.

Ao perceber no curso da história que a escola não era para todos, entende-se o porquê de tantas dificuldades encontradas atualmente. A escola por muito tempo esteve centrada em uma educação elitista, onde somente quem tivesse condições

alcançaria os melhores resultados, havendo uma seleção, entre os melhores e os piores alunos. (DICKEL; DEMENECH, 2016)

Atualmente, afirmar que isto ocorre não é incorreto, mas as questões encontradas nas escolas nos dias atuais extrapolam a realidade imposta por leis e diretrizes. É incontestável afirmar que nos dias de hoje o acesso à escola é para todos, não somente para quem tiver condições. No momento atual a educação básica é obrigatória e a para aqueles que não tiveram a chance de concluir há os cursos para Jovens e Adultos, que possibilita a formação na formação básica.

Percebendo a amplitude de possibilidades, e percebendo o quão acessível, para entrada, a escola possibilita entrar em questão a diversidade social presente nas escolas do Brasil hoje, e junto vêm todos os tipos de diversidade que passam a conviver juntas dentro da instituição escolar.

A dúvida que recai é sobre como são tratadas estas questões, já que a escola não é apenas a fornecedora de saber, ela passa a ser um local onde existem diferentes agentes sociais, de várias camadas diferentes vivendo em um país com diversidade cultural, e convivendo com isto, em um mesmo ambiente.

Perceber a cultura escolar, é perceber que esta está moldando-se, pode haver certa resistência, em alguns casos, mas a escola está se adequando a nova realidade, para os novos alunos e para os novos desafios que o tempo traz. A escola passa a conviver agora com uma diversidade social, racial, cultural, religiosa e também de gênero, e estes não devem ser ignorados. O espaço de convivência entre as diversidades dentro das escolas pode ser usado a fim de estabelecer uma educação de respeito e tolerância.

### **3.2 A escola e o respeito ao diferente**

A realidade da escola nos dias atuais apresenta muitos desafios que para serem compreendidos devem ser analisados de uma maneira profunda e investigativa.

Primeiramente, como fato incontestável se tem a massificação dentro das escolas. (Kupper, p. 52). Esta se deu a partir de muitas lutas, em prol de uma educação democrática e para todos (as), e se concretizou com a da Lei nº 9.394/96. Ou seja, temos uma tentativa de solução para os problemas antigos da educação, em



dias atuais. A educação por vários anos teve sua importância subjugada, e manteve um padrão que não era acessível para todos.

A partir dos anos 90, mais especificamente, com as leis e diretrizes, que passam a ser discutidas é que a educação se transforma em um setor de relevância e passa a ser melhor elaborado pelos governos que iam assumindo o poder. Uma das grandes questões a serem discutidas era a massificação nas escolas, que foi resultado das leis que asseguraram a entrada de todos ao ensino básico. Kupper (2000 p. 52) ainda afirma que “A principal característica da educação brasileira no século 20 foi a massificação do acesso ao ensino fundamental e médio[...]”.

Sabendo da realidade das escolas, com a massificação de alunos, com diferentes classes sociais, diferentes realidades culturais e econômicas recaem sobre essa afirmação, a questão de como a escola lida com as diversidades dentro do seu espaço.

A estrutura da escola de 50 e 60 anos atrás não comporta a realidade que se encontra recentemente às instituições escolares. Os alunos adentram as escolas, vindos de uma realidade onde as lutas pela igualdade e inclusão são uma realidade e deveriam ser discutidas. O “diferente” ou que não é “comum” deve conviver em harmonia dentro das escolas, sem exclusão ou preconceitos.

Sendo assim, como a escola lida com todas estas questões? A instituição escolar está preparada para trabalhar com o diferente no dia-a-dia, no decorrer do funcionamento escolar? São questões que cercam a educação brasileira, pois é notável que este seja um país de diversidade cultural e esta diversidade adentra os muros da escola.

Os indivíduos, que além de agentes históricos e sociais, levam consigo as suas infinitas diversidades, seja ela, cultural, étnica, racial, gênero ou religiosa. E cabe a escola ter que lidar com tantas diferenças de forma harmoniosa, já que é sua função além de transmitir conhecimentos básicos, formar o cidadão consciente e que saiba aceitar as diferenças existentes no mundo. (Schlickmann; Tomazetti, 2016)

Para poder compreender melhor o papel da escola em prol do respeito à diversidade e ao diferente, basta analisar o que diz a LDB para Educação de 1996, que traz no Título II, os Princípios e fins da educação nacional, no art. 3º as seguintes definições para a educação:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:  
I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

- II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 8-9)

Ao atentar-se para os incisos II e IV, é possível perceber o quão complexa é a função das escolas no Brasil, a partir desta lei. Ao garantir a liberdade para divulgar a cultura e o respeito a liberdade e a tolerância, a função da educação brasileira não é apenas alfabetizar, mais do que isso, é possibilitar que dentro das escolas a diversidade seja praticada de forma respeitosa e que possa contemplar todos aqueles que sentem-se diferentes, por seus motivos, crenças, orientação sexual, classe social e os setores que formam a diversidade existente no Brasil.

Com a Lei de diretrizes e bases da educação, é possível perceber a necessidade de uma reestruturação nas escolas brasileiras, para que se atentem a diversidade, aceitando-a e buscando formas para trabalhar positivamente com estas dentro das escolas. A escola passa a ser muito mais do que um ambiente de ensino, mas também a instrumentadora de recursos em prol do respeito ao diferente.

O que pode soar estranho dentro destas análises é o fato do que pode ser o diferente, para ser respeitado. A história traz em fatos que a escola nem sempre foi um espaço para todos, e nem sempre foi vista como a motivadora para mudanças. Ou seja, a escola não era para todos. Com as mudanças na política e também com a instauração de leis em prol da educação, isso tudo foi mudando, e se teve o fenômeno da massificação. Essa massificação, a ideia da escola para todos, traz para a conjuntura educacional questões de como lidar com as novas culturas que adentram em massa nas escolas.

### **3.3 A escola e a diversidade**

Sobre a massificação nas escolas e a diversidade podem ser citados dois confrontos. Primeiramente as escolas eram compostas por alunos de elite, que possuíam uma classe social elevada e um poder econômico elevado, com as mudanças na educação, a massificação trouxe alunos de classes baixas e também a instauração de muitas escolas públicas para atender a todos os níveis sociais e econômicos através da educação.

O segundo confronto que pode ser notado é relacionado à questão da diversidade, mas no fator religioso. Sabe-se que a religião predominante, mesmo após o Brasil ser considerado Laico, é o Catolicismo, o que logo se insere também dentro das escolas. Como podemos identificar em Silva (2012, p. 1301);

Uma das reivindicações católicas feitas de forma mais incisiva ao então presidente do Brasil era quanto à inserção do ensino religioso católico nas escolas públicas. O catolicismo declarava-se como a religião da maioria dos brasileiros e, dessa forma, via-se responsável por guiar e formar “cidadãos cristãos” para o país. A Igreja cobrava do Estado uma posição clara quanto a isso, mostrando que Vargas precisava da referida instituição para sua manutenção no poder, haja vista que desde o início do processo revolucionário o teria ajudado a fazer uma “Revolução Sem Sangue”. Percebendo que poderia ter o apoio da grande massa, em 1931 Vargas decretou como facultativo o ensino religioso nas escolas públicas do país. Era uma amostra de que o Estado estava disposto a manter um diálogo e receber apoio dos católicos. [...]

Ao perceber esse estreito laço entre a religião e o Estado, logo é possível verificar que e a escola teve forte influência desta religião, a fim de formar “cidadãos cristãos”. Qualquer outra religião presente, era considerada diferente. Ou como cita Silva (2012, p. 1301) “O país no discurso católico não poderia permanecer sob a ameaça de doutrinas “maléficas” que possivelmente causariam atrasos ao Brasil.” É notável a estranheza comum que se tinha a outras religiões que não fosse à tradicional religião Católica.

Em um país laico, possuir dentro das escolas uma única religião como protagonista causa um grande impacto, que acaba por prejudicar as outras religiões existentes e logo afeta duramente quem as pratica.

Por isso quando se fala em diferente, refere-se a tudo aquilo que por muitos anos foi reprimido, por uma sociedade não aberta as diferentes formas de crenças, gostos, classes e também raças. Por isso, o que se tem com a LDB de 1996 é uma reestruturação da educação brasileira, e o estabelecimentos de normativas que contemplem a realidade atual em que se encontram as escolas brasileiras.

A diversidade passa a ser uma realidade constante dentro das escolas, e a educação brasileira passa a entender isso e buscar por alternativas para uma educação em prol da diversidade existente no Brasil. Como afirmam as autoras:

O professor em sala de aula sente grande dificuldade para trabalhar com tanta diversidade e fazer com que seja aceita entre os alunos. Tenta construir entre eles conceitos de solidariedade, amizade, respeito e que entendam a educação que se pretende diversificada e inclusiva. (MIORANZA; ROËSCH, 2010, p.02)

A escola como local de socialização entre diferentes indivíduos, que vindos de diferentes realidades trazem consigo suas diferenças para serem socializadas com o ambiente escolar.

Sabendo dessa realidade, a dúvida em questão pauta-se em como a escola se prepara para receber a massa de alunos que atualmente pratica inúmeras religiões, que fazem parte de suas culturas. Mesmo estando na lei sobre a liberdade de cultura e a tolerância sobre o diferente, como a escola prepara-se para conviver com alunos de diferentes religiões, com suas convicções diferentes, sem causar um conflito mais grave, que irá ferir o direito de expressão religiosa do outro?

Esta situação se torna um problema, quando segundo Milani (2013, p. 18615) “O maior desafio da humanidade neste século XXI é aprender a conviver com as diferenças”. Quando se analisa essa afirmação percebe-se o quão problemática pode ser esta questão, pelo simples fato do país ser um território de enorme diversidade.

Sendo assim, a diversidade religiosa é o foco desta análise, e perceber esta diversidade dentro da escola, é um assunto muito relevante, pois dentro das instituições os alunos possuem diferentes religiões e convivem com várias religiões diferentes da sua. Mas e a escola, como trata todas estas religiões e seus praticantes?

A diversidade religiosa é um fenômeno que vem aumentando no Brasil ao longo do tempo, e não somente se tem diversas religiões. A mudança de crenças, que levam muitos fiéis a mudarem de religião é uma ação comum e que vem ocorrendo com muita frequência, segundo o Censo 2010, que chama a atenção para esse novo fenômeno.

A realidade das escolas brasileiras passa a ser a de receber e harmonizar a convivência com alunos praticantes do Espiritismo, Islamismo, Catolicismo, Candomblé, Umbanda, Protestantismo, Pentecostais, e etc. Ou seja, a escola não possui apenas praticantes de uma mesma religião, as escolas públicas do Brasil, são laicas, e logo, seus alunos possuem religiões diversas e que devem conviver em paz e harmonia. Mas na realidade, no início o que se teve segundo, Cecchetti (2012):

[...] a escola, em primeiro momento, tornou-se instrumento fundamental do catolicismo no projeto civilizatório-colonizador, difundindo os preceitos tidos como únicos e universais. Neste intento, o currículo e a organização do cotidiano escolar, visavam tão somente catequizar os sujeitos, enfocando uma verdade padronizadora que negava quaisquer outras formas de religiosidades/tradições religiosas. Deste modo, a escola pública acabou sendo um elemento desagregador, visto que, ao afirmar uma religião como única e verdadeira, segregava todas as demais manifestações religiosas. (CECCHETTI, 2012, p. 7-8)

O catolicismo, através da história, demonstra o quanto de poder possuiu por muito tempo, e como essa hegemonia toda, prejudicou as demais religiões que se viram à margem, por não serem as oficiais. Por muitos anos, o que se tem como prática dentro das escolas, são “determinadas culturas e tradições religiosas são reconhecidas e valorizadas, seja pelo currículo oficial ou real, em detrimento de outras, que são exorcizadas, silenciadas ou negadas.” (CECCHETTI, 2012, p. 2).

As religiões “silenciadas” e “negadas” são aquelas, que mais estão ganhando praticantes com o passar dos anos. O que ocorre, é a diversidade religiosa dentro das escolas, isto é um fato concreto, e que deve ser trabalhado, mas o respeito a essa diversidade religiosa não é algo praticado por todos.

### **3.4 A escola e a educação para a tolerância: as religiões afro nesse contexto**

A escola possui um papel fundamental na luta pela tolerância, e na demonstração de que o diferente não é o lado ruim. A escola possui a função de demonstrar no dia-a-dia que aquilo que determinado grupo não pratica não é algo errado. Como traz o autor abaixo:

Se pretendermos erigir um ambiente de tolerância na Escola, será importante considerar algumas posturas:

- a) Conhecer as religiões como fenômeno sempre presente nas múltiplas culturas em todo percurso histórico. Cada crença conserva características próprias de sua civilização;
  - b) Conhecer as diversas religiões sempre relacionando em que contexto histórico elas surgiram. Dessa forma o aluno terá oportunidade de arrolar sua crença religiosa com as demais existentes e não menos importantes.
  - c) Motivar a sintaxe de um convívio afetuoso por meio de colóquios ecumênicos e inter-religioso, proporcionando aos alunos e toda comunidade escolar, um momento de reflexão a respeito das diferenças religiosas. A postura ética e moral poderão ser resgatadas.
- (MILANI, 2012, p.18619)

As posturas citadas acima pela autora demonstram certa realidade distante de instituições escolares que não se aprofundam nas diversas religiões, preparando-se para trabalhar quando necessário sobre uma destas, a fim de esclarecer e evitar a propagação de preconceitos já estabelecidos.

A falta de conhecimento em relação às religiões alimenta uma cultura que espalha os seus pré-conceitos em relações a estas, e muitas são vistas como algo ruim, ou até mesmo não são consideradas religiões, por aqueles que não aceitam as

crenças diferentes das suas. Como por exemplo, temos as religiões afro-brasileiras que muitas vezes são vistas com preconceito por parte de algumas pessoas.

As religiões afro surgem com a chegada dos negros escravizados no Brasil e persiste até os dias de hoje, com um histórico de resistência e luta pelo respeito, como todas as religiões merecem, pois, ainda segundo Conceição:

A rigor, as religiões afro-brasileiras são patrimônio desta nação e compõem, particularmente, o universo cultural da raça negra brasileira que foi seqüestrada da África para a Europa e Américas e mantida nestes continentes na condição de escrava, sob tortura física e psicológica, por mais de quatrocentos anos (CONCEIÇÃO, 1993 apud. CRUZ, 1994, p. 128)

As religiões afro, estiveram à margem da história, e quando descritas ou discutidas, eram alvo de desvalorização e muitos pré-conceitos que a partir destas vão surgindo. (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 3-4).

Para compreender a situação, atualmente, basta voltar um pouco no tempo, e analisar os fatos históricos mais uma vez. A sociedade por muito tempo subjugou os negros africanos e suas práticas, marginalizando-as.

Muitos autores descreveram as práticas religiosas dos negros africanos, por exemplo, com um olhar carregado de pré-conceitos, sem compreender a representação dos rituais religiosos para estes povos, o que levou a sociedade brasileira a condenar e continuar condenando estas práticas religiosas. Mas, esta visão marginalizada em relação às religiões afro está atrelada a história dos primeiros negros africanos no Brasil, sendo possível perceber como se chega a toda gama de preconceitos em relação à cultura e a religião afro.

Além de todo período de escravidão no Brasil, que perpetua inúmeros preconceitos com os negros, com a abolição da escravatura, a realidade não se difere tanto, pois os negros continuaram à margem da sociedade, não sendo colocados como parte desta. Como afirma ainda Mattos,

Para a elite brasileira, o negro, por conta do seu “caráter bárbaro” e “estado de selvageria”, era um empecilho a formação de uma nação, [...] Portanto, o negro deveria ser excluído da sociedade brasileira, sendo proibida a sua entrada no país. (MATTOS, 2011, p. 186)

Em tempos mais atuais, o pensamento que predominava até os anos de 1930, era de “que o atraso brasileiro se devia ao mal da mestiçagem.” (STRIEDER, 2001, p. 13). A relação que se estabeleceu entre os negros e os europeus foi considerado um mal, feito em relação à sociedade, já que estes mestiços, passavam a fazer parte da

sociedade pelos seus laços com os brancos, em alguns casos. E logo cada vez mais, a cultura e religião destes estariam mais forte dentro da sociedade brasileira.

E não somente havia estas concepções, um fator que foi marcante na história, que ressalta o preconceito em relação a estes povos, é o fator do branqueamento da população. Mattos (2011) apresenta esse fenômeno como a evolução étnica brasileira. Alternativa tida para tornar pura a população brasileira, já que a mistura entre as raças estava ocorrendo gradativamente.

A busca por branquear o Brasil, era também a tentativa de afastar a cultura e religião destes povos, que estavam em maioria no país, neste período. Com o branqueamento, todo ato cultural ou culto religioso dos negros africanos seria afastado, pois não eram atos católicos e civilizados.

A imigração foi uma prática, para alcançar este branqueamento, Strieder (2001, p. 13) destaca ainda que “o projeto de imigração para o Brasil, desde a independência do país, em 1822, visava trazer apenas populações brancas.”. Práticas que foram colaborando para a estruturação do racismo no Brasil, já que era necessário branquear a população e manter a cultura desta como única. Mattos traz ainda, que “[...] concomitantemente à eliminação do negro, a imigração européia foi incentivada com o intuito de promover o branqueamento da população. [...]” (2011, p. 186)

Atualmente, o racismo, é reconhecido como ato discriminatório racial, e este justifica os vários atos de intolerância e violência em relação à cultura e religião afro. Segundo o autor, o racismo no Brasil:

[...] um racismo sem cara, que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade das leis e que lança para o terreno do privado o jogo da discriminação”, afirmando-se “de forma privada”, dependendo, no entanto, “da esfera pública para sua explicitação [...]”. (Schwarcz, 2013, apud. CARVALHO; SILVA, 2018, p. 55)

Este racismo sem cara esconde-se por trás de uma das grandes polêmicas que problematizam ainda mais a luta dos negros no Brasil, a questão do mito da democracia racial. Conceito fundamentalmente importante para entender as questões voltadas aos negros no Brasil.

A democracia racial surge, após muitos estudos voltados a uma das obras mais importantes de Gilberto Freyre, “Casa Grande e Senzala”. Nesta obra:

Gilberto Freyre tentou romper esta ideologia racial discriminatória, mostrando a vantagem de ser mestiço. Segundo Freyre, o futuro do Brasil, e sua melhor contribuição para a convivência entre os povos, seria justamente a sua multiracialidade, a modernidade do povo brasileiro, testemunho da relação

fraternal entre as raças. Para Freyre, o Brasil, por causa de sua múltipla miscigenação racial, é modelo para a humanidade futura, que tende para uma metarraça universal. Na medida em que esta metarraça se afirmar, as democracias superarão, de fato, as diferenças étnicas, e procurarão diminuir as desigualdades sociais e culturais da população. (STRIEDER, 2001, p. 14)

É importante ressaltar, que não foi Gilberto Freyre que fundou o mito da democracia racial, mas a partir de sua obra, passou a se fazer uma análise científica de suas ideias, e muitos autores fundaram este mito da democracia racial, onde, segundo Carvalho e Silva, este mito é “baseado na suposta convivência harmônica entre diferentes grupos étnicos.”(2018, p. 55).

Afirmção que afronta a realidade desses povos no Brasil, que após lutas e muitas discussões é amparado por leis, que os regem de qualquer ato racista e discriminatório. Um lugar onde a democracia racial prevaleceria não seriam necessárias leis para assegurar os indivíduos contra a discriminação racial. Então desta forma, é fato que a democracia racial se torna um mito.

Os anos passam, e com eles o preconceito e a intolerância mascaram-se através do mito da democracia racial e por outros discursos, mas persistem até os dias atuais. As religiões afro-brasileiras, estiveram marginalizadas e menosprezadas dentro da sociedade brasileira. Segundo Acioly e Araújo (2016)

O batismo e a submissão às doutrinas da religião do colonizador representam bem a intolerância religiosa dessa época e como ela perpassou até os dias de hoje, sempre tendo como inferior tudo que deriva da cultura do colonizado ou escravizado. Essa marginalização e menosprezo da religião nativa, e negra eram justificados pelo simples fato de associá-los a seres sem alma que estariam mergulhados nas trevas por praticarem feitiçarias e bruxarias, onde o catolicismo iria salvá-los, para os portugueses eles estavam fazendo um grande favor, pois estariam dando a oportunidade dos negros converterem-se e assim alcançarem a salvação. Essa era a justificativa dos colonizadores para impor-lhes a religião católica e marginalizar a cultura religiosa dos que aqui chegaram na condição de escravo. (ACIOLY; ARAÚJO, 2016, p. 571-572)

É possível perceber que a marginalização das religiões afro vão ocorrendo e sendo justificadas, nesse processo de colonização no Brasil, estas religiões foram muitas vezes perseguidas e suas práticas eram consideradas bruxarias e feitiçarias. A Igreja Católica condenou estas religiões e perseguiu com o apoio de todo aparato judicial estas que segundo a Igreja, eram alusivas ao satanismo. (ACIOLY; ARAÚJO, 2016)

Os anos passam, e a história repete esta situação de marginalização das religiões afro. Desta vez além de serem criadas leis proibindo atos e encontros para



rituais destas religiões, os jornais, que eram os veículos de imprensa mais comuns nos anos de 1920, passaram a acompanhar esta marginalização e condenar abertamente estas práticas. Segundo os autores Acioly e Araújo (2016, p. 574),

Com a utilização do sistema de justiça para perseguirem as religiões de matriz africanas e o uso dos jornais da época para difundirem o ódio e o incentivo a intolerância contra os afro-religiosos perpassou nossa história.

O ódio contra estas religiões é algo que persiste até os dias de hoje. Os casos de violência e intolerância contra os praticantes destas religiões são algo tão comumente visto que os veículos de notícias atuais apresentam muitos desses casos.

O site de notícias o Globo publicou recentemente a seguinte notícia: “Adeptos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula: Estudantes são obrigados a rezar o Pai Nosso e tirar adereços de seu credo” (2017). Segundo o relato dos alunos e dos pais destes, a escola ignorou o fato desta possuir alunos de diferentes religiões, e programou um culto religioso pertencente a uma única religião, solicitando que todos o seguissem, e não manifestassem de nenhuma forma suas opções religiosas.

Este fato verídico, relatado por um aluno e vivenciado por ele, demonstra que o preconceito com as religiões afro é existente ainda nos dias atuais e de maneira muito direta aos praticantes. A marginalização destas religiões persiste e gera preconceitos que são propagados e dificultam a liberdade religiosa dos indivíduos que praticam estas religiões. Sobre a questão da religião dentro das escolas, Acioly e Araújo (2016)

O que a escola pode e deve fazer é comparar criticamente e interpretar os fatos também religiosos nos seus contextos históricos. Assim, religião não se ensina propriamente, mas se deve refletir sobre esse fenômeno na escola. Mesmo porque, os sentidos e sentimentos religiosos sempre influenciam as nossas relações humanas e interpessoais, sejam de produção, de parentesco e política, de palavra ou interpretação. (ACIOLY;ARAÚJO, 2016, p. 574)

As religiões afro dentro das escolas são pouco trabalhadas e muitas vezes, na maioria das escolas, nem há o trabalho sobre estas religiões. Segundo Carvalho e Silva (2018, p 58),

[...] Na educação brasileira, a ausência de um trabalho sistemático sobre a diversidade cultural no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. Esse problema tem se mostrado comum no ambiente escolar. Em razão de perspectivas deturpadas por motivos religiosos, repertórios das culturas

populares ligados às religiões afro-brasileiras têm encontrado resistências de pais, profissionais e até alunos/as. [...]

As escolas são os ambientes de socialização e podem ser o meio usado para combater as várias intolerâncias e violências que sofrem os praticantes das religiões afro. O desafio é muito maior, e a necessidade de uma nova visão deve ser aprimorada para combater junto com os alunos a intolerância, religiosa e racial. (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 6)

Sendo assim deve haver o combate e a luta para desmarginalizar estas religiões e isto pode ser um desafio enfrentado pelas escolas, juntamente com os alunos.

E não apenas isso, as religiões afro fazem parte da história do país, da formação deste, mais do que nunca elas devem ser desenvolvidas, para que fique claro, o seu papel histórico e seja evidenciada como uma religião comum praticada no Brasil.

### **3.5 O currículo e a diversidade**

A diversidade é uma realidade e com ela surgem dezenas de alunos com diversas crenças que passam a conviver com os colegas que não compartilham as mesmas ideias. Isso pode ser usado a favor de uma educação para tolerância e respeito. Quando não trabalhado esse fenômeno da diversidade religiosa, o oposto pode acontecer e casos de intolerância e desrespeito podem ser frequentes e tornaram-se algo comum de praticar com o colega que possui crenças diferentes.

A escola precisa adaptar muitas coisas e trabalhar para tornar o convívio na instituição como uma troca de saberes e crenças, esclarecendo tudo aquilo, que antes era pré-concebido. Dessa forma, a tolerância religiosa pode surgir no meio escolar.

Para entender toda a questão da diversidade dentro da escola, se torna fundamental perceber o que os currículos abordam e preparam para a diversidade no ambiente escolar. Ressalta-se que a questão da diversidade dentro das escolas é algo recente, ou seja, após muitas lutas é que a escola foi moldando-se às mudanças que o tempo foi trazendo, como a diversidade cultural.

Ao realizar a análise dos currículos das disciplinas de História e Ensino Religioso, percebeu-se o foco nos conteúdos básicos.

Com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, se tem uma clara iniciativa de colocar em pauta temas que não fazem parte claramente dos conteúdos básicos, mas, estão em todas as formas no dia-a-dia dos alunos e na sua formação enquanto indivíduo social. Sendo assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são:

Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, que se sobreporia à competência político-executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País ou à autonomia de professores e equipes pedagógicas. O conjunto das proposições aqui expressas responde à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do País se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, entre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.13)

Os PCNs trazem em sua base uma abertura para que seja incluído de alguma forma a diversidade que é, uma realidade no Brasil, segundo Pereira (2014, p. 58) “os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) preconizam o respeito às culturas e a valorização da diversidade.”.

Dessa forma, se pode perceber que os currículos dentro das escolas podem se basear sobre os PCNs, que não são obrigatórios, mas servem como auxílio para tratar a questão da diversidade, por exemplo:

São considerados ainda pelo Ministério da Educação e do Desporto (op.cit.), como documentos referenciais para a renovação e reelaboração da proposta curricular, para que cada escola formule seu projeto educacional com o objetivo da melhoria da qualidade da educação baseado nas profundas e imprescindíveis transformações no panorama educacional brasileiro. Trata-se de um instrumento de apoio às discussões pedagógicas, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático.(PORTELLA, 2013, p. 47)

A questão da diversidade religiosa entra neste contexto onde os PCNs destacam que há a necessidade de uma organização para “[...] garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla” (PCNs, 1997, p. 13). Os PCNs, assim

apresentam uma série de referências e caminhos para que sejam introduzidas nos currículos estas questões, e destacando a questão da diversidade religiosa.

Ao analisar a questão das religiosidades nos PCNs, é possível perceber que esta não aparece nitidamente a ser trabalhada. Ela aparece entrelaçada nas questões culturais, que formam a identidade dos povos, ou para compreender a diversidade sociocultural brasileira.

Têm-se através dos Parâmetros Curriculares Nacionais as bases para elaborar o currículo escolar mais humano, abrangendo a diversidade existente dentro das escolas. Ao falar em religiões, ainda se tem certo grau de cuidado, pois, é considerado um assunto delicado a ser trabalhado, devido ao fato de existir esta diversidade religiosa e com ela vir a intolerância em relação as religiões.

Se há pouca discussão em relação as religiões mais praticadas no Brasil, dentro das escolas, as discussões sobre as religiões afro-brasileiras são quase que nulas. Segundo Rocha:

Quando se fala em diversidade nacional, é importante ressaltar que, há uma série de manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras codificadas de diferentes formas, tendo em conta os conhecimentos oriundos de diversas regiões do continente africano. (ROCHA, 2018, p.21)

Estas religiões sofrem preconceitos dentro e fora da escola, e seus praticantes ficam à margem, sem demonstrar serem praticante destas. Sabendo que há este preconceito enraizado na sociedade, não somente com as religiões afro, mas também com a cultura afro brasileira, por este motivo a Lei nº 10.639 de 09/01/2003, vem para tornar obrigatória nas escolas o ensino da Cultura afro, um grande passo para superar as desigualdades e os preconceitos estabelecidos pela sociedade (ROCHA, 2018, p. 18).

O currículo escolar ganha assim, mais uma base para incluir na elaboração destes, um programa mais focado na realidade, englobando aqueles que ficaram à margem da sociedade e da história do país. Para entender melhor esta questão, basta analisar o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da educação sobre o ensino religioso nas escolas:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 24)

O ensino religioso segundo a LDB é facultativo, mas nos currículos escolares atualmente estas ocorrem normalmente, sendo ministradas por professores de diversas áreas. A disciplina de ensino religioso, segundo Cunha (2011), trata de conceitos gerais, como ética, respeito e cidadania, visando maior tolerância em relação à diversidade.

Sendo assim, o currículo escolar atualmente não usa a disciplina de ensino religioso para trabalhar as religiões em si. Somente através de análises mais complexas, é que se pode perceber como cada escola trata esta disciplina, pois possui professores com formações variadas para trabalhar as religiões.

O currículo utiliza inúmeras bases na hora de realizar a elaboração destes. Os PCNs e a Lei nº 10.639 de 09/01/2003, são referências eficazes para que os currículos trabalhem a diversidade religiosa em prol da tolerância e do fim dos preconceitos em relação às religiões afro-brasileiras.

#### 4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O presente trabalho percorreu um caminho metodológico para que fosse analisada a percepção e o trabalho das religiões afro-brasileiras dentro do contexto escolar, pelos alunos e professores.

Para obter os dados de identificação desta percepção, foi aplicado um questionário com perguntas abertas, conforme Anexo 1, com os alunos do sexto ano de uma escola Municipal de Ensino Básico da cidade de São Borja. A turma possui 20 alunos. Sobre o uso do questionário, e de sua relevância para a pesquisa, o autor abaixo define que o questionário deve ser:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. [...] As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. (SEVERINO, 2007, p. 125)

O intuito deste questionário foi precisar em dados informações sobre a percepção dos alunos desta escola em relação às religiões afro e sobre a importância do estudo desta dentro de sala de aula. Assim como, através do questionário, será possível perceber a visão que possuem em relação as religiões afro-brasileiras que são o foco deste trabalho.

Os resultados obtidos serviram como materiais de análise e de comparação com o material teórico já exposto no trabalho sendo o questionário produzido com esta finalidade.

A metodologia do trabalho ainda perpassa pela visão dos professores. Para isto, foi realizada uma entrevista semi-estruturada conforme Apêndice 2, com dois professores de História e um de Ensino Religioso desta mesma escola, onde foram entrevistados os alunos. Através desta pesquisa foi possível interpretar as respostas, destas professoras, pela análise e observação, acerca da temática das religiões afro. Com as respostas da entrevista fica evidente como são trabalhadas as religiões afro na sala de aula e quais são os maiores desafios quando tratadas, percebendo a questão da intolerância religiosa, pela visão dos professores. Sobre a utilização da entrevista como método de pesquisa, o autor abaixo afirma que,

[...]a entrevista semi-estruturada dê uma maior possibilidade de entendimento das questões estudadas nesse ambiente, uma vez que permite não somente a realização de perguntas que são necessárias à pesquisa e não podem ser

deixadas de lado, mas também a relativização dessas perguntas, dando liberdade ao entrevistado e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos pelo pesquisador, o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão. (OLIVEIRA, 2008, p. 12-13)

O questionário com os alunos e entrevista com as professoras são informações que se complementam e demonstram muito da realidade de como a escola trata esta temática e de como os alunos reagem quando entram em contato com esta. Dessa forma este trabalho percorrerá sua análise pelo método quantitativo, onde um complementar o outro. Quando coletados os dados e analisadas as entrevistas, o panorama real dentro das escolas, sobre as religiões afro fica evidente, o intuito desta metodologia, foi buscar estas informações.

## **5 AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DENTRO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO BORJA: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS**

### **5.1. Análise dos resultados: a escola**

A escola em que foi realizada a entrevista e o questionário é uma escola localizada na cidade de São Borja. Uma escola Municipal, que tem o Ensino Infantil e Fundamental, está localizada em um bairro periférico da cidade, apresenta grandes problemáticas pelo seu público ser muito carente. A escola realiza vários projetos sociais para suprir algumas necessidades que são notadas pelos professores e na maioria das vezes, afetam muito o ensino-aprendizagem.

Referente a esta problemática, numa análise dos dados do Inep, é possível perceber os indicadores educacionais das escolas municipais da cidade de São Borja, e podem demonstrar a realidade das escolas desta cidade. Os dados apresentam questões de vários níveis mas os exemplificados aqui tangem ao número de alunos por turma e a distorção idade-série. Como citado a escola onde foi feita a análise é uma escola periférica e desta forma, os dados analisados serão destas escolas.

Sendo assim, segundo os dados destes indicadores o número de alunos por turma das escolas periféricas é entre 16 e 20 alunos no ano de 2017, e o que é ressaltado nesta pesquisa é que, quando comparado os números de alunos por turma das escolas periféricas e as de região central, é perceptível que o número vem aumentando, nestas escolas, independentemente de sua localização. Este é um fato real, e que contempla a ideia de que as turmas estão cada vez mais numerosas e diversificadas.

Dessa forma, os dados exemplificam muito claramente a realidade destas escolas, e esse aumento significativo de alunos a cada ano nas turmas também se relaciona com a ideia de massificação que foi um fenômeno perceptível, através dos dados, fato este que, ocorreu desencadeadamente, a partir do século 20 como afirma Kupper (2000). Essa massificação ocorre pelo acesso universal nas escolas, e também pelo fato de ser obrigatória. Mudanças vindas para universalizar a escola, e não permitir que educação continuasse somente com acesso para a elite. (ALVES, 2009)

Em relação aos dados da distorção idade-série, nota-se que os números mais altos que a média estadual em 2017, que é de 23,7, ficam com as escolas localizadas em regiões periféricas da cidade, e segundo a pesquisa, o fator econômico é o fator



que resulta esses níveis. Estas escolas alcançam índices entre 39 a 48, números elevados, o que influencia muito quando se chega dentro de uma sala de aula de sexto ano com alunos com idades muito elevadas, não condizendo com o previsto.

Este fato das idades distorcidas por séries pode ser um fator vindo da cultura em que os alunos estão inseridos. Muitas vezes, a realidade em que eles vivem é cheia de dificuldades, e aqueles que não abandonam a escola acabam repetindo, por vários motivos, como a inserção no mercado de trabalho para ajudar a família, ou até mesmo o desinteresse na educação, por vir de uma realidade onde há pouca escolarização e não vê tanta valorização nesta. Como ressalta o autor abaixo:

Lopes (2010) aponta que o fracasso escolar continua sendo o resultado de condições sociais dos alunos e educadores assim como das condições de trabalho nas escolas. Muitos são os motivos que levam os alunos a deixarem os estudos, como a necessidade de trabalho precoce, a falta de interesse pelo ambiente educacional, dificuldades no processo ensino-aprendizagem, falta de incentivo dos familiares, difícil acesso ao ambiente escolar, entre outros. Para que ocorra uma diminuição desses fatores, cabe ao poder público surgir com ações que promovam a melhoria dessa situação, através da implementação de políticas públicas. (LOPES, 2010, apud. LUCINDO; SUHETT, 2010, p. 20)

Essa realidade é muito cruel e comum, afeta profundamente o ensino-aprendizagem dentro da sala de aula, já que o nível da turma e as especificidades são diversificados e a dura realidade dificulta conseguir atender todas estas.

Através destes dados, em que a escola onde foi realizada a pesquisa encontra-se nessa situação, percebe-se que a problemática não fica apenas acerca da escola, mas a questão social e econômica são fatores que influenciam o ensino-aprendizagem de todas as formas. Os alunos adentram os muros da escola, carregados com o seu capital cultural, adquirido de sua condição social e econômica. E isto deve ser levado em consideração na hora de planejar aulas que muitas vezes não atingem seus objetivos por não alcançarem a realidade dos alunos. O autor abaixo afirma que:

Cabe ao professor procurar mediar sempre, não só pensando no conteúdo em si, mas como é a relação do aluno com o conteúdo apresentando, sempre usando a criatividade e fazendo com que este aluno se sinta parte do processo de ensino-aprendizagem. (JUNCKES, 2013, p. 7)

Através dos dados expostos, é possível perceber a realidade da escola em que foi realizada a pesquisa, e estes contribuem significativamente na hora de analisar os dados obtidos através da entrevista e questionário, pois a análise pôde ser feita com

base nos dados educacionais desta escola, levando em consideração diversos fatores no momento da análise.

O contato com a escola se deu no ano de 2017, quando foi realizado o Estágio Supervisionado II, requisito parcial de aprovação para o curso de Ciências Humanas Licenciatura, pela Universidade Federal Do Pampa, Campus São Borja.

Neste ano foram realizadas, pesquisas sócio-antropológica, na escola, assim como análises dos documentos como PPP e Regimento escolar. Os planos de estudo, com os conteúdos programáticos das disciplinas de História e Geografia também foram analisados. Em relação aos alunos, foi feita observação nas turmas e em todo ambiente escolar.

Atualmente o contato dentro da escola é realizado através do Programa Residência Pedagógica, no qual há atuação ativa de regência e nos projetos desenvolvidos pela escola, assim como em reuniões e demais afazeres pedagógicos.

O início do Programa Residência Pedagógica se deu no ano de 2018, onde foram realizadas análises de documentos e dos planos de estudo da disciplina de História, assim como foi feita uma carga horária de observação nas turmas de 6º, 7º e 8º anos. Atualmente no ano de 2019, está sendo executada a regência nos 8º e 6º anos e foi desta vivência diária que partiu o interesse em realizar os questionários com os alunos e as entrevistas com as professoras.

A escola no seu dia-a-dia apresenta certos comportamentos que instigaram a busca e o desenvolvimento deste trabalho. A falta da presença da história da cultura afro-brasileira nos conteúdos da disciplina de História foi um deles. Mas, ao atentar-se mais especificamente para a religião, o comportamento que mais chamou a atenção, é a realização diária da oração antes do início das aulas.

Todos os alunos são colocados em filas, alunos de toda a escola, e as professoras realizam uma oração puramente cristã, realizando o sinal do Pai - nosso, e rezam uma oração, o "Pai, nosso", oração esta conhecida por ser universal, mas não se pode esquecer, que esta é cristã e pode afetar outras religiões que são praticadas pelos alunos. Ou seja, percebe-se que a escola segue um culto religioso que não contempla a todos.

Aliando este fato, mais a ausência das religiões afro, especificamente, surgiu a iniciativa de buscar em dados, a opinião dos alunos acerca do tema e também dos professores, desta escola, para entender o que ocorre na realidade dentro desta instituição, e que pode ser o reflexo do que acontece na maioria das escolas pelo

Brasil. Dessa forma os dados são fundamentais para compreender melhor o tema em análise e deles pode-se compreender a realidade do estudo das religiões afro dentro das escolas.

## **5.2 Perfil religioso dos alunos**

Conhecer o perfil religioso dos alunos pode possibilitar que seja mais acessível compreender qual é a percepção dos alunos em relação as religiões afro. Para isso as primeiras perguntas do questionário aplicado a uma turma de sexto de ano com 20 alunos , conforme Apêndice 1, na escola revelam este perfil religioso.

Para poder identificar o perfil religioso dos alunos, a primeira pergunta do questionário foi: Qual sua religião?”. Como resultados obteve-se em porcentagens que 38% são evangélicos, 37% dos alunos desta turma são católicos, 19% afirmam não ter religião e 6% são adeptos da igreja Universal. Os dados permitem afirmar que a turma tem em maioria alunos praticantes da religião evangélica e católica, que são religiões muito tradicionais e, em certos aspectos, radicais, mas pode demonstrar uma certa abertura de pensamentos e preceitos com o que o mundo tem apresentado como realidade às novas religiões.

Ao perceber os dados destas primeiras questões, a fim de entender o perfil religioso dos alunos, o que nota-se é que as religiões católica e evangélica são as predominantes praticadas pelos alunos, mas é possível perceber através destes dados que mesmo em minoria, há prática de outras religiões e até a mesmo aqueles que afirmam não ter religião. Isto demonstra um perfil religioso cristão, por serem praticantes em maioria de religiões cristãs, mas mesmo em poucos números há aqueles que ainda não se definem em uma religião específica.

Através destes primeiros dados, que demonstram a prática de outras religiões e também a ausência da liberdade em praticar uma religião específica, percebe-se que a diversidade religiosa, é um fenômeno existente, pois, em outros períodos não havia espaço na sociedade para prática de outras que não fossem a Católica.

Ao longo deste trabalho de pesquisa, foi possível perceber que a diversidade religiosa é um fenômeno existente no Brasil, como afirmam Mioranza e Roësch (2011), e nota-se esta realidade dentro das escolas brasileiras, assim como, foi possível perceber na escola analisada.

O fato de o questionário apresentar duas religiões, já é um reflexo de uma mudança de paradigma de uma sociedade que foi por longos anos estruturada a partir de uma única religião, a católica, como afirma a autora:

As análises de conjuntura refletem, também, a autoconsciência histórica da Igreja no Brasil. A legitimidade religiosa e política da Igreja no Brasil é o resultado de um longo processo, que acompanha a própria história do Brasil, desde 1500. O poder estabelecido, no período colonial, promoveu um modelo de Catolicismo, conhecido como Cristandade. Nele, a Igreja era uma instituição subordinada ao Estado e a religião oficial funcionava como instrumento de dominação social, política e cultural. (AZEVEDO, 2004, p. 111)

Essa mudança ocorre de fato, quando reconhecido que há muitos praticantes de outras religiões, e aqueles que abstém-se de práticas religiosas. Estas ações em outros períodos da história do Brasil eram proibidas e condenadas, e hoje é uma prática comum até nas escolas. Não esquecendo que a laicidade do país, rege para que essa liberdade seja comum no dia-a-dia, em todos os lugares.

A segunda pergunta para compreender o perfil religioso dos alunos foi: “Você acredita que exista uma religião única verdadeira?” A maioria dos alunos, totalizando 56%, afirma que não há uma religião única verdadeira. E 44% dos alunos afirmam que há sim, uma religião única e verdadeira, e informalmente, além do questionário, afirmaram ser a sua religião a única, pois, ou desconheciam as demais, ou não aceitavam seus ideais.

Apesar da maioria dos alunos afirmarem não crer que há uma religião única e verdadeira, nota-se que a diferença em relação aos que crêem que há uma religião única e verdadeira, é muita pequena. Essa pequena diferença pode ser crucial na hora de entender muitos discursos intolerantes em relação a outras religiões. No decorrer deste questionário, foi possível perceber que ambas as religiões, são duas das mais praticadas no Brasil.

Em relação a segunda questão, os alunos afirmam não acreditarem que haja uma religião única e verdadeira, e esta percepção pode se dar pelo fato dos alunos possuírem curiosidade em relação ao que eles não conhecem. Outro fator que pode justificar esta resposta é o fato destes alunos serem tolerantes às religiões que não são associadas à cultura dos afro-brasileiros. Os alunos se mostram respeitosos em relação às religiões como às evangélicas, católicas, universais, islamismo, etc.

As religiões afro quando inseridas no meio, mesmo que de um questionário, foi perceptível o quanto esta rendeu, como assunto, e principalmente com comentários

agressivos e sem qualquer conhecimento sobre. É possível perceber esta realidade, com as demais perguntas do questionário.

### 5.3 Significado das religiões afro

A segunda parte do questionário volta-se totalmente para perguntas relacionadas às religiões afro, a fim de perceber o conhecimento dos alunos e sua percepção sobre estas religiões. Para introduzir as religiões afro como foco do questionário a pergunta foi: “Quais religiões afro-brasileiras você conhece?” 94% dos alunos afirmaram não conhecer nenhuma religião afro, não sabendo nem os nomes, ao certo, de quais existem. A outra pergunta foi feita dessa forma: “Para você, o que significam as religiões afro brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda?” 62% dos alunos afirmaram que estas religiões são feitiçarias e bruxarias e significam um lado ruim. E 48% afirmaram que estas religiões são manifestações culturais.

Os alunos possuem muito pouco conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras, e na maioria das vezes, estas religiões são associadas a uma ideia de maldade e coisas ruins e não são reconhecidas como religiões, por alguns alunos. Essa visão persiste desde tempos atrás e continua condenando povos e subjugando suas crenças e religiões, dessa forma as autoras abaixo trazem,

Associar a figura do negro africano escravo, bem como suas praticas religiosas a uma imagem negativa, como a de considerar as religiões africanas uma engenharia de obras demoníacas, feitiçaria, bruxaria, entre outras, parece ter sido algo comum naquela época. (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 3)

Através dos dados é possível perceber que os alunos dão uma significação equivocada para estas religiões e associam ideias exotéricas e más a elas, como se não fossem pertencentes ao núcleo de religiões existentes no mundo, mantendo essa visão advinda desde o período colonial do Brasil.

Em relação a essa visão equivocada que os alunos possuem, advém da falta de conhecimento em relação a estas religiões. É perceptível que este fator é um dos motivadores da disseminação do ódio e preconceito em relação a estas religiões, as autoras abaixo afirmam que:

As discussões em torno das religiões afro-brasileiras devem ser feitas no intuito de proporcionar aos alunos o conhecimento e respeito à diversidade religiosa. Sem valorizar uma religião em detrimento das outras ou no interesse de persuadir na convicção religiosa do outro. (MOREIRA; SILVA, 2013, P. 11)

Quando estes falam em não crer que há uma única religião, eles citam o catolicismo, as religiões evangélicas, as Testemunhas de Jeová e também o espiritismo, como religiões diferentes umas das outras e que devem ser respeitadas. Mas quando se adentra o assunto sobre as religiões afro, nota-se a mudança no discurso, até afirmações de que estas não são religiões, surgem como justificações.

Muitas destas afirmações são construídas na vida pessoal, no convívio familiar do aluno, que cresce ouvindo tais comentários e reproduz quando questionado sobre. Fica evidente uma grave falta de conhecimento em relação às religiões afro, e isso pode ser o catalisador de tantas alegações equivocadas.

#### **5.4 Estudo das religiões afro dentro das escolas**

Partindo para a terceira parte do questionário, a fim de compreender como se dá toda essa visão até então percebida em partes com as perguntas anteriores. Esta parte do questionário frisa as religiões afro em estudo dentro das salas de aula. Sendo assim, foi perguntado aos alunos da seguinte forma: “Você já estudou sobre as religiões afro nas aulas de História?” A resposta dos alunos é imprescindível para poder compreender todas as respostas anteriores, pois, 100% dos alunos afirmam nunca ter estudado as religiões afro, nem na disciplina de História, nem em nenhuma outra disciplina, o que torna-se preocupante e também um dos fatores que explicam o porquê de tanta falta de conhecimento em relação as religiões afro e também tantos discursos preconceituosos.

E ainda foi feita a seguinte pergunta: “É importante aprender sobre as religiões afro nas aulas?” A maioria dos alunos, 69% afirmam ser importante estudar as religiões afro, e 31% não vê necessidade em falar ou conhecer estas religiões. Percebe-se nesta questão que a falta de conhecimento pode ser o desencadeador das ideias marginalizadas e equivocadas sobre estas religiões.

O interesse demonstrado nesta questão deixa claro, que mesmo ao afirmar que as religiões afro são bruxaria e feitiçaria, o conhecimento verídico sobre ela, explicações sobre estas, podem trazer uma visão nova e justa a estas religiões e muito bem aceitas pelos alunos que praticam outras religiões.

Ao perguntar aos alunos: “Estudar as religiões afro na sala de aula ajudará você a:” 56% dos alunos afirmaram que ajudará a ser mais tolerante e respeitar as diferentes crenças. Já 19% dos alunos afirmaram que nada ajudará ao estudar sobre

estas religiões. Mas, 13% dos alunos ainda destacam que o estudo das religiões afro ajudará, a entender a história e cultura dos negros africanos. E 12% afirmaram que este estudo ajudará a conviver pacificamente em meio a diversidade religiosa.

Sobre estas afirmações, pode ser pautado que, o fato dos alunos serem muito novos e por terem muita curiosidade, eles possuem sim, interesse em conhecer as religiões afro, pois tudo que sabem e ouviram dos outros, advém de uma cultura muito intolerante em relação a estas religiões. E sobre a escola ser esse espaço para conhecimento, os autores abaixo afirmam que:

Neste sentido, a escola caracteriza-se como uma instituição que pode possibilitar a formação de uma consciência cidadã, sendo importante a implantação de estratégias de combate à discriminação racial, conhecimento e valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas. (CARVALHO; SILVA, 2018, p. 57-58)

O meio de produzir esse conhecimento sobre as religiões afro é também dentro das escolas, elencando dentro das aulas esta temática. Ficam evidentes através deste questionário como os alunos percebem com certo de grau de intolerância as religiões afro-brasileiras. Para poder compreender em totalidade a questão das religiões afro no contexto escolar, parte-se para a análise das entrevistas feitas com as professoras desta escola.

## 6 AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

### 6.1 Trabalho das religiões afro dentro da sala de aula

A realização da entrevista semi-estruturada, com os professores foi feita com o objetivo de obter as informações que demonstrassem se são trabalhadas as religiões afro nas aulas e se a intolerância com estas religiões é um fato real e como agem quando se defrontam com estes casos.

Foram feitas as entrevistas a três professoras, duas formadas em História e uma com formação em Matemática, mas que atua na disciplina de Ensino Religioso, da mesma escola em que foi aplicada o questionário com os alunos. As professoras ficam denominadas, neste trabalho, como Professora A, B C.

Através das respostas das perguntas, 1, 2 e 3, conforme Apêndice 2, é possível perceber se são trabalhadas as religiões afro nas aulas tanto de História como de Ensino Religioso. Como informação fundamental, foi perguntada sobre as maiores dificuldades em trabalhar estas, já que os primeiros dados obtidos pelo questionário com os alunos demonstram que há uma grande dificuldade em aceitar estudar as religiões afro. A primeira entrevistada foi à professora A.

As perguntas, conforme apêndice 2, foram as seguintes:

1. “A cultura afro-brasileira é uma temática trabalhada em sala de aula? E de que forma são trabalhadas?”
2. “Você acha importante trabalhar as religiões afro-brasileiras nas aulas de História? ‘Por quê?’”
3. “Quais as maiores dificuldades em trabalhar a temática das religiões afro?”

Sendo assim, para a pergunta número 1, a resposta da professora A, foi a seguinte: “Sim. Através de projetos resgatando as contribuições da cultura afro-brasileira em nosso idioma, culinária, moda, dança, religião, arte.”

Ao responder a segunda pergunta, a professora A, afirmou que: “Penso que é muito importante para quebrar o mito de lá do período colonial em que as religiões afro-brasileiras eram vistas como bruxarias.” (Questão de polícia).

Na terceira pergunta a professora A, respondeu: “Falta de materiais didáticos e questão da não aceitação da comunidade escolar, pois ainda temos ideias muito fortes do Brasil Colônia.”



A entrevista realizada com a professora B, obteve respostas semelhantes, mas de certa forma, esta professora pareceu ser mais realista e direta, elencando que em suas aulas é feita a relação dos conteúdos com a cultura afro. Sendo assim, a resposta da primeira pergunta feita na entrevista foi respondida da seguinte forma pela professora B: “A cultura afro está presente no conteúdo programático do 7º ano com “Reinos Africanos” e no 8º ano quando se aborda a escravidão, porém não é aprofundado.”

Para a pergunta 2, a professora B respondeu: “Sim, pois, nossa cultura brasileira descende da africana sendo assim de grande importância conhecer nossas origens.”

Na pergunta 3, a professora B, responde o seguinte: “As religiões afro não estão presentes no conteúdo programático da disciplina, desta forma, os materiais presentes nas escolas são poucos existentes e o tempo é curto para agregar conteúdos.”

Para a professora C, a entrevista foi adaptada, para que ela discorresse sobre a realidade na disciplina de Ensino Religioso, na qual atua. Sendo assim, para a primeira pergunta a resposta da professora foi a seguinte: “A cultura afro está no plano de Ensino dos alunos do 6º ano e será trabalhado através de textos e debates.”

A professora C, ainda respondeu a segunda pergunta da seguinte forma: “Acho importantíssimo trabalhar as religiões afro bem como as demais, uma vez que o respeito deve ser com todos.”

Na pergunta 3, a professora C, respondeu sobre as dificuldades de trabalhar esta temática, sendo assim, sua resposta foi: “O preconceito e intolerância com qualquer religião que não seja a evangélica ou a católica, no caso dos meus alunos.”

Ao analisar as respostas das professoras, a principal questão que chama atenção é em relação à temática da cultura afro estar presente no conteúdo programático de História do 7º e 8º ano, mas quando questionado sobre as religiões a professora B, especificamente afirma não ter esse conteúdo nos programas. Tem-se aí uma grande problemática, pois, mesmo havendo a temática sobre a cultura afro, a professora afirma não haver aprofundamento.

Entra em contraste nesse momento o currículo e a realidade. Os programas das disciplinas, ou planos de ensino, são formulados nesta escola, pelas próprias professoras, que em conversa informal afirmaram ter feito estes programas a cerca de 5 anos atrás. Sabe-se que em cinco anos, muita coisa mudou, e o currículo deveria

ser atualizado sempre para suprir as demandas que o tempo traz. Nota-se que a preocupação dos professores ainda é cumprir o seus conteúdos programáticos e logo, temáticas como intolerância em relação as religiões afro, passa somente por uma conversa rápida. Sobre estes conteúdos programáticos:

A escola não tem apenas o papel somente de transmitir os conteúdos oficiais e manuseá-lo como um fim de “coisificação”, segundo (ADORNO, 2006) logo, tem-se por obrigação formar e informar discentes críticos agentes do processo histórico em que vivem. (PEREIRA, 2014, p. 58)

Durante o tempo em que se passou nesta escola, o que foi perceptível de trabalho em relação à temática da cultura afro, ocorreu somente no dia 20 de novembro, onde a escola organiza um projeto, com apresentação de trabalhos referentes ao tema. A professora B relata que mesmo estando no conteúdo programático ao tema em que a cultura afro pode ser ligada, isto não é aprofundado. E logo, as religiões afro nem entram em discussão.

A história do Brasil é temática dos programas do 8º ano, mas não se notou na análise destes programas, especificamente a história dos negros africanos que quando trazidos para cá passaram a fazer parte da história e identidade do Brasil. As autoras abaixo trazem claramente essa ideia:

Nessa perspectiva, discutir ou ensinar a história das religiões afro brasileiras no espaço escolar pode ser uma possibilidade de desconstrução de antigos conceitos estereotipantes, negativos, discriminatórios e preconceituosos que ainda possam existir na sociedade atual. No momento em que se discute a escola que queremos, sendo pautada no respeito e reconhecimento da diversidade, da tolerância para com o próximo e em constituí-la como um espaço democrático- falar sobre as religiões afro brasileiras em sala de aula pode ser um ponto de partida para que os alunos conheçam parte de sua história, da história dos negros no Brasil, além de mostrar a sua importância para a formação do universo cultural do País. (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 2)

Quando analisadas as respostas da professora C, que leciona na disciplina de Ensino Religioso, da mesma forma é perceptível que não há aprofundamento sobre a temática das religiões afro. Ao analisar o programa desta disciplina, consta o estudo sobre as principais tradições religiosas do Brasil. Mas, ao notar a resposta da professora C, na pergunta número três, percebe-se que ela demonstra haver muito preconceito e intolerância em relação às religiões que não sejam a Evangélica e a Católica, ressaltando que ambas, são as mais praticadas pelos alunos da turma de sexto ano onde foi aplicado o questionário.

Fica evidente aqui, que há intolerância e preconceito em relação às religiões afro, e este fato é presenciado pelos professores, que mesmo quando tentam são

barrados pela enxurrada de equívocos declarados pelos alunos. Estes trazem muitas percepções do seu dia-a-dia e percebe-se que mesmo involuntariamente, por não saberem mais sobre as religiões, acabam profanando comentários preconceituosos. A busca por adaptação dos currículos para inserção desta temática para tornar esta tema de discussão comum, seria ideal para sanar gradativamente esta problemática.

## **6.2 Intolerância em relação as religiões afro dentro da sala de aula**

Para poder verificar a presença da intolerância dentro das salas de aula uma perguntas fundamentais foi feita nesta entrevista, a quarta e última pergunta, conforme Anexo 2, se faz necessária, que foi a seguinte:

4. “É possível perceber intolerância em relação às religiões afro, quando trabalhadas em sala de aula? E como você lida com estes casos?”

A professora A, respondeu que: “Sim. Sempre explicando que as religiões afro, fazem parte da identidade do Brasil. E que é uma cultura dos africanos e não uma bruxaria. Procurando sensibilizar a comunidade escolar da influência e da importância que a cultura africana tem ao longo dos tempos em diversos setores de nossa sociedade.

A professora B, respondeu essa última pergunta da seguinte forma: “Sim, mas a intolerância acontece por falta de conhecimento e pelos preconceitos que os alunos trazem de casa. Ensinar a eles um olhar mais aprofundado tende a diminuir esta intolerância.”

A professora C, que leciona na disciplina de Ensino Religioso, respondeu na quarta pergunta da seguinte forma: “É possível sim, infelizmente. Estou em aula sempre trabalhando com eles a questão de respeito e tolerância em todos os sentidos, no entanto é um desafio que temos de enfrentar.”

Ambas as professoras de História e a professora de Ensino Religioso afirmam que é possível perceber a intolerância em relação às religiões afro. As professoras apresentam que solucionam a situação de forma imediata e em curto prazo, pois demonstram em um diálogo onde explicam que deve ser respeitada estas religiões como qualquer outra. Mas para mudar esta realidade é necessário aprofundamento destas temáticas, mas isto é barrado pelos currículos formulados apenas com os conteúdos bases.

Com a análise das respostas destas entrevistas, muitas questões fazem refletir sobre a realidade que se encontrou nesta escola. Mas um dos pontos mais preocupantes onde foi percebido no questionário com os alunos, e na entrevista com as professoras, é que de fato as religiões afro não são trabalhadas. Os alunos que responderam ao questionário não sabiam nem o nome correto das religiões afro, sabendo apenas nomes equivocados e sem fundamento para designar todas elas, como sendo uma religião só.

É perceptível que não apenas os alunos possuem pouco conhecimento em relação a estas religiões, os professores também desconhecem muitas informações sobre estas. Na resposta da pergunta 2, as professoras A e B, ambas apontam a falta de materiais didáticos para poder trabalhar especificamente as religiões afro nas aulas.

Sobre essa falta de conhecimento dos professores, é notável que fica muito difícil trabalhar de forma plena as religiões afro. A autora Noeli Z. Milani afirma que, dentre uma série de posturas sobre o ensino das religiões, é necessário “Conhecer as diversas religiões sempre relacionando em que contexto histórico elas surgiram. Dessa forma o aluno terá oportunidade de arrolar sua crença religiosa com as demais existentes e não menos importantes.” (2013, p. 18619)

Os currículos, que são a base do planejamento de conteúdos e das aulas, precisam ser reavaliados, e com o auxílio dos PCNs, seria muito mais interessante elaborar estes currículos e conteúdos programáticos das escolas.

[...]o currículo escolar é um instrumento social de responsabilidade coletiva que supõe a participação de cada um. Pesquisas têm demonstrado que políticas públicas de currículo da educação básica, que são da responsabilidade imediata dos estados e municípios, têm empreendido iniciativas que quase sempre geram a desvalorização dos sujeitos no processo curricular, o que não nos permitirá chegar a um bom resultado.(CHIZZOTTI; PONCE, 2012, p. 34)

Os PCNs podem ser um aliado na hora da formulação de currículos mais realistas e que contemplem a realidade dos alunos, que são agentes sociais e se relacionam cada um com suas diversidades. Os PCNs não são obrigatórios na elaboração dos currículos, mas pode-se perceber que este possui muitos pontos positivos e podem complementar os currículos escolares. Seria interessante integrar a aprendizagem a diversidade religiosa dos alunos. Dessa forma os autores abaixo trazem a ideia de currículo muito condizente com a descrita aqui:

Não há como pensar o currículo sem os seus sujeitos. É na prática pedagógica que o currículo ganha vida. Ele é um instrumento social que supõe a participação de cada um quando visa: a autonomia do indivíduo em comunidade; a preparação para viver e (re) criar a vida com dignidade; e a construção permanente de uma escola que valorize o conhecimento, que seja um espaço de convívio democrático e solidário e que prepare para a inserção na vida social pelo trabalho. (CHIZZOTTI; PONCE, 2012, p. 34)

Sendo assim, estas entrevistas e questionário foram fundamentais para compreender como estão as religiões afro no contexto escolar. Os dados apresentam a realidade de uma escola Municipal da cidade de São Borja, mas não deixa de contemplar a realidade de muitas escolas pelo Brasil. Os dados desta pesquisa podem auxiliar na reflexão de possíveis mudanças na reestruturação dos currículos, destas escolas que resistem às mudanças, para contemplar a realidade dos alunos e sanar grandes problemas, como a intolerância religiosa em relação as religiões afro.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar como eram trabalhadas as religiões afro-brasileiras a partir da percepção dos alunos sobre estas religiões. Neste trabalho foi abordada brevemente a história das religiões, demonstrando a existência desta manifestação em diferentes povos de diferentes culturas, ao longo da história do mundo. A relevância da discussão sobre a religião foi trazida também através da percepção da intensa relação desta com grandes fatos históricos que demonstram como as religiões possuíam forte influência e poder.

No Brasil estes fatos não se diferem muito podendo perceber que uma única religião esteve atrelada ao poder por muito tempo e o país quando declarado laico passa a viver um fenômeno que é abordado neste trabalho: a diversidade religiosa.

Com a laicidade do país valendo e sendo cumprida este recebe uma diversidade religiosa que é possível presenciar até os dias de hoje. Mas quando analisada esta diversidade, percebe-se que algumas religiões não são tratadas ou incluídas em discussões, que é o caso das religiões afro-brasileiras.

Dessa forma o trabalho apresentou a história das religiões afro-brasileiras, demonstrando historicamente o porquê de esta ser marginalizada e afastada dos ambientes de discussão e reflexão. Ainda foi abordado particularidades destas, e foram escolhidas para análise: o candomblé e a umbanda, apresentando como são e destacando suas diferenças. Sendo assim, muitas definições foram feitas sobre estas religiões a fim desconstruir a ideia de maligno e feitiçaria em que são tachadas as religiões afro.

O trabalho extrapolou a ideia de diversidade religiosa no país e a dentou a uma relação muito complexa que é entre a escola e a religião, Sendo assim foi abordado neste trabalho algumas considerações sobre a história da educação no Brasil, já que estas são fundamentais para entender a realidade das escolas atualmente.

A abordagem entre a educação e a diversidade foi realizada no intuito de deixar claro que esta é uma realidade em que as escolas se encontram atualmente, e a diversidade religiosa é uma das variáveis dentro desta gama de diversidades pelo país.

Dessa forma, foi apresentada a evolução da educação no país. E junto com essa evolução, ressaltou-se o atento olhar para a questão da diversidade cultural que

é estabelecida como objeto de análise e discussões para mudanças em relação a visões preconceituosas.

Foi de suma importância refletir através de como é a abordagem feita do currículo, para que ficasse muito claro o que este traz para aplicar na realidade essa discussão acerca da diversidade, e mais especificamente da diversidade religiosa.

Assim, foi abordado que não há um preparo para trabalhar as religiões, nem as religiões afro, dando ênfase apenas aos conteúdos bases. Dessa forma, foi trazido que através dos PCNs surgem possibilidades de trabalhar a questão cultural dos povos no Brasil, onde é possível inserir as religiões afro, ao que o PCN traz, sendo um grande aliado, mas seu caráter é sugestivo, e por isso não é utilizado na grande maioria das vezes.

O trabalho ainda abordou a relevância de trabalhar as religiões afro dentro das escolas, para a luta por uma educação tolerante em relação a estas religiões. A diversidade é uma realidade e a escola pode ser a formadora de cidadãos conscientes e que respeitam as diferenças existentes a sua volta. Para isso se faz necessário este tipo de discussão e reflexão acerca das religiões afro nas escolas.

Por fim, a metodologia do trabalho pautada sobre os métodos de questionário e entrevista, com alunos e professores, apresentou o resultado da questão se há o trabalho das religiões afro e da percepção dos alunos em relação a estas religiões.

Pode-se perceber que os professores não trabalham as religiões afro dentro das aulas de História, havendo uma tentativa apenas pela professora de Ensino Religioso que é barrada pelo preconceito dos seus alunos. As professoras que atuam na disciplina de História reclamam da falta de recursos em relação a materiais didáticos para trabalhar as religiões, assim como a falta de tempo em conciliar todo o conteúdo programático mais estes conteúdos, que ficam subentendidos como complementares.

Os alunos demonstram uma visão a partir do questionário, muito equivocada em relação as religiões afro. Em certo ponto afirmam que estas significam bruxarias e feitiçarias, isso vai de encontro quando declaram que nunca estudaram sobre as religiões afro na escola, complementando o que as professoras relatam, de nunca terem trabalhado estas.

Esta visão intolerante em relação às religiões afro advém muito de fora da escola, ou seja, os alunos por falta de informação sobre estas, ou pela sua religião praticante ser muito radical, levam para dentro dos muros da escola sua visão

preconceituosa. E quanto aos alunos viverem em uma cultura intolerante e preconceituosa com as religiões afro, isto foi verificado como verídico através desta pesquisa.

Os fatores que levam a esta visão intolerante e preconceituosa podem ser muitos, dessa forma, dois destes foram destacados pelo questionário, quando se traçou um perfil religioso dos alunos e quando se percebe através da entrevista com as professoras, a ausência nos currículos e conseqüentemente nas aulas de História e Ensino Religioso da discussão e reflexão sobre as religiões afro.

Estes fatores poderiam ser aprofundados em cima de uma busca por uma educação tolerante e respeitosa. Foi diagnosticada uma problemática a partir desse trabalho de conclusão de curso, que é a percepção descaracterizada e equivocada em relação as religiões afro, assim como a falta de trabalho sobre estas nas aulas.

Aprofundar os fatores que causam estas variáveis seria muito relevante para a construção de uma educação tolerante dentro das escolas, com metodologias voltadas para aplicar esta educação voltada para a tolerância.

Sendo assim, o presente trabalho cumpriu o seu objetivo que visa novas possibilidades de pesquisa. Dessa forma conclui-se que a luta pela identificação justa e pelo respeito com as religiões afro-brasileiras deve continuar e este trabalho encaminha novas possibilidades na busca pela educação tolerante. Dentre as possibilidades está introduzir gradativamente de várias formas o estudo das religiões e por seguinte às religiões afro, de maneiras lúdicas e também com discussões e debates para desconstruir ideias preconceituosas.



## REFERÊNCIAS

ACIOLY, Augusto Cesar; ARAÚJO, Victor Antônio Bispo de. **INTOLERÂNCIA CONTRA AFRO-RELIGIOSOS: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula.** XVII Encontro Estadual de História, v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviiieh/xviiieh/paper/viewFile/3362/2695>. Acesso em 07 de jun./2019.

ALVEZ, Adjair; LEMOS, Douglas L. **A quebra do elo: as consequências da reforma protestante para o fim das mediações sacerdotal.** Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade. N. 8, 2013. Disponível em: [http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos\\_8/Douglas\\_Adjair.pdf](http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_8/Douglas_Adjair.pdf). Acesso em: 23 de abr./2019.

ALVES, Washington Lair Urbano. **A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: da Descoberta à Lei de Diretrizes e Bases de 1996.** Lins, SP, 2009, 89 f. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Superior) - Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Metodologia do Ensino Superior, UNISALESIANO Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, SP, 2009.

AZEVEDO, Dermi. **A Igreja Católica e seu papel político no Brasil.** Revista Estudos Avançados, v.18 n.52, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a09v1852.pdf>. Acesso em: 11 de jun. 2019.

BARBOSA, Marielle Kellermann; BAIRRÃO, José Francisco Miguem Henriques. **Análise do Movimento em Rituais Umbandistas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 24 n. 2, p. 225-233. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/12.pdf>. Acesso em: 04 de jun./2019.

BASTIDE, Roger. Apresentação do Candomblé. **O Candomblé da Bahia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 29-39.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 02 jun./2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei de diretrizes e Bases da Educação.** Brasília: Senado Federal, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em 02 de mai./2019.

CARVALHO, Guilherme Paiva de; SILVA, Eliane Anselmo da. **As religiões afro-brasileiras na escola**. Revista Ibero-americana de Educação, v. 76, n. 2 p. 51-72, 2018. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/download/3012/3958/>. Acesso em: 06 de jun./2019.

CASTOLDI, Ticiano Saulo Scavazza. **A Igreja que conquistou um império: A história da ascensão do cristianismo no Império Romano**. Lajeado, 2014. 97 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso)- Curso de Licenciatura em História. Centro Universitário Univates, Centro de Ciências Humanas e Jurídicas.

CECCHETTI, Elcio. **DIVERSIDADE RELIGIOSA E CURRÍCULO ESCOLAR: PRESENÇAS, AUSÊNCIAS E DESAFIOS**. XI ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2968/946>. Acesso em: 04 de jun./2019.

CHIZZOTTI, Antonio; PONCE, Branca Jurema. **O CURRÍCULO E OS SISTEMAS DE ENSINO NO BRASIL**. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p.25-36, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/chizzotti-ponce.pdf>. Acesso em: 11 de jun. 2019.

COGGIOLA, Osvaldo. Origens do Islã. In. \_\_\_\_\_ **Islã histórico e islamismo político**. Instituto da Cultura Árabe, 2007. p. 5-9. Disponível em: [https://icarabe.org/sites/default/files/pdfs/o\\_mundo\\_arabe\\_contemporaneo\\_-\\_aula\\_6\\_anexo\\_2.pdf](https://icarabe.org/sites/default/files/pdfs/o_mundo_arabe_contemporaneo_-_aula_6_anexo_2.pdf). Acesso em: 23 de abr./2019.

COLLINS, Padre Michael; PRICE, Matthew A. **História do Cristianismo**. Loyola. 1999, p. 239.

CORRENT, Nikolas. **Diversidade Religiosa: uma temática em debate**. Revista Científica Semana Acadêmica, v. 01, p. 00, 2016. Disponível em: [https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/nikolas\\_corrent\\_diversidade\\_religiosa.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/nikolas_corrent_diversidade_religiosa.pdf). Acesso em: 05 de mai./2019.

CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. **As religiões afro-brasileiras: subsídios para o estudo da angústia espiritual**. Rev. Esc. Enf. USP, v. 28, n.2, p. 125-36, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v28n2/0080-6234-reeusp-28-2-125.pdf>. Acesso em: 6 de jun./2019.

CUNHA, Clera Barbosa. **O ensino religioso na escola pública e suas implicações em desenvolver o senso de respeito e tolerância dos alunos em relação aos**

**outros e a si próprios.** Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF, v.8,n.1,p.164-181, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2011/02/8-12.pdf>. Acesso em: 03 de jun./2019.

DICKEL, Adriana; DEMENECH, Flaviana. **A cultura escolar e a produção da cultura da escola com a entrada/ permanência do "novo" na escola: um ensaio sobre os seus efeitos.** v. 23, n. 1, Passo Fundo, p. 24-42, 2016|. Disponível em: [www.upf.br/seer/index.php/rep](http://www.upf.br/seer/index.php/rep). Acesso em: 08 de jun./2019.

DINIZ, Alexandre M. A. **SURGIMENTO E DISPERSÃO DO BUDISMO NO MUNDO. ESPAÇO E CULTURA,** UERJ, RJ, N. 27, JAN./JUN. DE 2010. p. 89-105. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/.../2467>. Acesso em: 23 de abr./2019.

FERREIRA, Paula. GRANDELLE, Renato. **Adeptos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula.** Estudantes são obrigados a rezar o Pai Nosso e tirar adereços de seu credo. O Globo. Maio, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/adeptos-de-religioes-afro-brasileiras-relatam-preconceito-em-sala-de-aula-21410722>. Acesso em: 7 de jun. 2019.

FUSINATO, Claudia Vanielle; KRAEMER, Celso. **A INVENÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA E ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL.** XI Congresso de Educação Educere. Pontifícia Universidade do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7876\\_5302.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7876_5302.pdf). Acesso em: 10 de jun./2019.

GOIS, Aurino José. **As religiões de matrizes africanas: o Candomblé, seu espaço e sistema religioso.** Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 321-352, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4400204.pdf>. Acesso em: 30 de mai./2019.

JENSEN. Tina Grudun. **Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafrikanização para a reafrikanização.** Revista de Estudos da Religião, PUCSP, n.1, p.1-21, 2001. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/p\\_jensen.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_jensen.pdf). Acesso em: 20 de mai./2019.

JUNCKES, Rosani Casanova. **PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA: MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA.** V Simpósio sobre formação de professores. Educação Básica: Desafios frente as Desigualdades Educacionais. Tubarão, SC, 2013. Disponível em: [http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos\\_v%20sfp/Rosani\\_Junckes.pdf](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/Rosani_Junckes.pdf). Acesso em: 17 de jun./2019.

JURUÁ, Padrinho. **As origens da Umbanda I. A manifestação do espírito para a caridade.** Coletânea Umbanda. p. 231, 2019. Disponível em: <http://www.umbanda.com.br/phocadownload/livros/AS%20ORIGENS%20DA%20UMBANDA%20I.pdf>. Acesso em: 14 de mai./2019.

KADLUBITSKI, Lidia. JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Diversidade religiosa na educação.** INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade / Uberlândia / v. 7 n. 11 / p. 179-197 / jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3130/313027322012.pdf>. Acesso em: 25 de abr./2019.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon.** Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://eceprab.com/blog/wp-content/uploads/2015/07/O-Candomble-bem-Explicado-George-Mauricio.pdf>. Acesso em: 25 de mai./2019.

KUPPER, Agnaldo. **EDUCAÇÃO BRASILEIRA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS.** Revista Terra e cultura, ano XX, Nº 39, 2000. Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/terra\\_cultura/39/Terra%20e%20Cultura\\_39-4.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/39/Terra%20e%20Cultura_39-4.pdf). Acesso em: 10 de jun./2019.

LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro.** Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br). Acesso em: 18 de mai./2019.

LUCINDO, Eufrânio Junior; SUHEET, Marlice Maria Custódio. **A DISTORÇÃO IDADE/SÉRIE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO, NO MUNICÍPIO DE ALEGRE.** Alegre, 2014, 41 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia, na área da Educação, com foco na distorção idade/série) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre. Alegre, 2014.

MARCUSSI, Alexandre de Almeida. **Candomblé.** São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/candombl%C3%A9.pdf?sfvrsn=0>. Acesso em: 28 de mai./2019.

MATTOS, Regiane Augusto de. Religiosidade. In. \_\_\_\_\_ **História e cultura afro-brasileira.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-171.

MIORANZA, Angela Josefina; ROËSCH, Isabel Cristina Corrêa. **A DIVERSIDADE CULTURAL NO COTIDIANO DA SALA DE AULA.** II Simpósio Nacional de Educação. XXI Semana acadêmica de Pedagogia. Cascavel, 2010. Disponível em:

<http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/30.pdf>. Acesso em: 02 de jun./2019.

MILANI, Noeli Zanatta. **A ESCOLA A FAVOR DA DIVERSIDADE RELIGIOSA: IMPORTÂNCIA DESSA ABORDAGEM EM SALA DE AULA**. XI Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9410\\_4926.pdf](https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9410_4926.pdf)> Acesso em: 29 de mai. 2019.

MOREIRA, Harley Arantes; SILVA, Maria Rejane. **Religiões afro- brasileiras em sala de aula a partir da análise de uma turma de educação de jovens e adultos**. XVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364952202\\_ARQUIVO\\_rEJANE-ARTIGOANPUH.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364952202_ARQUIVO_rEJANE-ARTIGOANPUH.pdf). Acesso em: 24 de mai./2019.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS, TÉCNICAS E CARACTERÍSTICAS**. Revista Travessias. Alagoas, 2008. Disponível em: [http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/339156/mod\\_resource/content/1/PesquisaQualitativa.pdf](http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/339156/mod_resource/content/1/PesquisaQualitativa.pdf). Acesso em: 17 de jun./2019.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PAIVA, Luiz Henrique Rodrigues. **Possessão e exorcismo: os múltiplos aspectos de um fenômeno**. Recife, 2015, 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa do Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

PEREIRA, Gilmar Ribeiro. **A DIVERSIDADE CULTURAL E O CURRÍCULO ESCOLAR: A RESSIGNIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**. Revista Educação e Sociedade, v.01, n.01, p. 55-63, Naviraí, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufms.br/index.php/persdia/article/download/17/6>. Acesso em: 10 de jun. 2019.

PORTELA, Yeda M. A. **Os Parâmetros Curriculares Nacionais no cenário das Políticas Públicas Educacionais Brasileiras**. Revista Científica Multidisciplinar da Faculdade de São José. Ciência Atual, v. 1, n.1, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/cafsj/index.php/cafsj/article/download/6/pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2019.

PRANDI, Reginaldo. **O CANDOMBLÉ E O TEMPO** Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 47, 2001. p. 43-58. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7719.pdf>. Acesso em: 12 de jul. 2019.

ROCHA, Arlindo Nascimento. **RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DENTRO E FORA DAS ESCOLAS**. Revista Último Andar, n. 32, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/download/40659/27421>. Acesso em: 13 de jun./2019.

ROHDE, Bruno Faria. **Umbanda, uma Religião que não Nasceu**: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. Revista de Estudos da Religião, 2009. p. 77-96. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2009/t\\_rohde.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf). Acesso em: 12 de jul. 2019.

SALES, Verônica Amaral. **Umbanda, Preconceitos e similaridades**. São Paulo, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) - Centro de estudos Latino-americanos sobre cultura e comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, João Vitor. **500 anos depois, uma nova reforma visando ao diálogo inter-religioso**. Revista do Instituto Humanitas da Unisinos. São Leopoldo, n. 514, 2017. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao514.pdf>. Acesso em: 23 de abr./2019.

SCHLICKMANN, Vitor; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. **Escola, ensino médio e juventude**: a massificação de um sistema e a busca de sentido. São Paulo, v. 42, n. 2, p. 331-342, abr./jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n2/1517-9702-ep-42-2-0331.pdf>. Acesso em: 03 de jun./2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Teoria e Prática Científica**. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Paulo Julião da. **A IGREJA CATÓLICA E A QUESTÃO EDUCACIONAL NO BRASIL DURANTE A ERA VARGAS**. XI Encontro Estadual de História. História, Memória e Patrimônio. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 1300-1309, 2012. Disponível em: [http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346280564\\_ARQUIVO\\_textoparaaanpuh-rs.pdf](http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346280564_ARQUIVO_textoparaaanpuh-rs.pdf). Acesso em: 05 de jun./2019.

SOARES, Afonso M. L. **Sincretismo afro-católico no Brasil**: lições de um povo em exílio. Revista de Estudos da Religião, nº 3, 2002, p. 44-75. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2002/p\\_soares.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv3_2002/p_soares.pdf). Acesso em: 12 de jul. 2019.

SOUSA, Mari Guimarães. **RE-VISITANDO A HISTÓRIA: COLONIZAÇÃO PORTUGUESA E SUBORDINAÇÃO CULTURAL**. In: IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14492.pdf>. Acesso em: 10 de mai./2019.

STRIEDER, Inácio. **DEMOCRACIA RACIAL. A partir de Gilberto Freyre**. Recife, UFPE, v. 8, n. 15, 2015. Disponível em: [https://www3.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf15\\_artigo10001.pdf](https://www3.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf15_artigo10001.pdf). Acesso em: 02 de jun./2019.

SUCHANEK, Márcia Gomes **O. POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: DE ESCRAVOS À TUTELADOS. UMA DIFÍCIL RECONQUISTA DA LIBERDADE**. Confluências, Vol. 12, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, p. 240-274, 2012. Disponível em: [http://periodicos.uff.br/confluencias\\_teste/article/download/20015/11690](http://periodicos.uff.br/confluencias_teste/article/download/20015/11690). Acesso em: 10 de mai./2019.

**APÊNDICE A****QUESTIONÁRIO**

1. Qual a sua religião? \_\_\_\_\_
2. Você acredita que existe uma única religião verdadeira?  
Sim (b) Não
3. Quais religiões afro-brasileiras você conhece?  
\_\_\_\_\_
4. Para você o que significam as religiões afro-brasileiras como a Umbanda e o Candomblé?
  - (a) Manifestação cultural
  - (b) Feitiçaria e bruxaria
5. Você já estudou sobre as religiões afro nas aulas de História? (a) Sim (b) Não
6. É importante aprender sobre as religiões afro nas aulas?
  - (a) Sim (b) Não
7. Estudar as religiões afro na sala de aula ajudara você a:
  - a) Ser tolerante e respeitar as crenças diferentes praticadas pelas diversas religiões
  - b) Em nada o ajudará
  - c) Conviver pacificamente em meio a diversidade religiosa
  - d) Entender a história e cultura dos negros africanos



**APÊNDICE B****ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

Formação: \_\_\_\_\_

Disciplina em que atua? \_\_\_\_\_

1. A cultura afro-brasileira é uma temática trabalhada em sala de aula? E de que forma são trabalhadas? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Você acha importante trabalhar as religiões afro-brasileiras nas aulas de História? Por que? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Quais as maiores dificuldades em trabalhar a temática das religiões afro?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. É possível perceber intolerância em relação as religiões afro, quando trabalhadas em sala de aula? E como você lida com estes casos? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_